

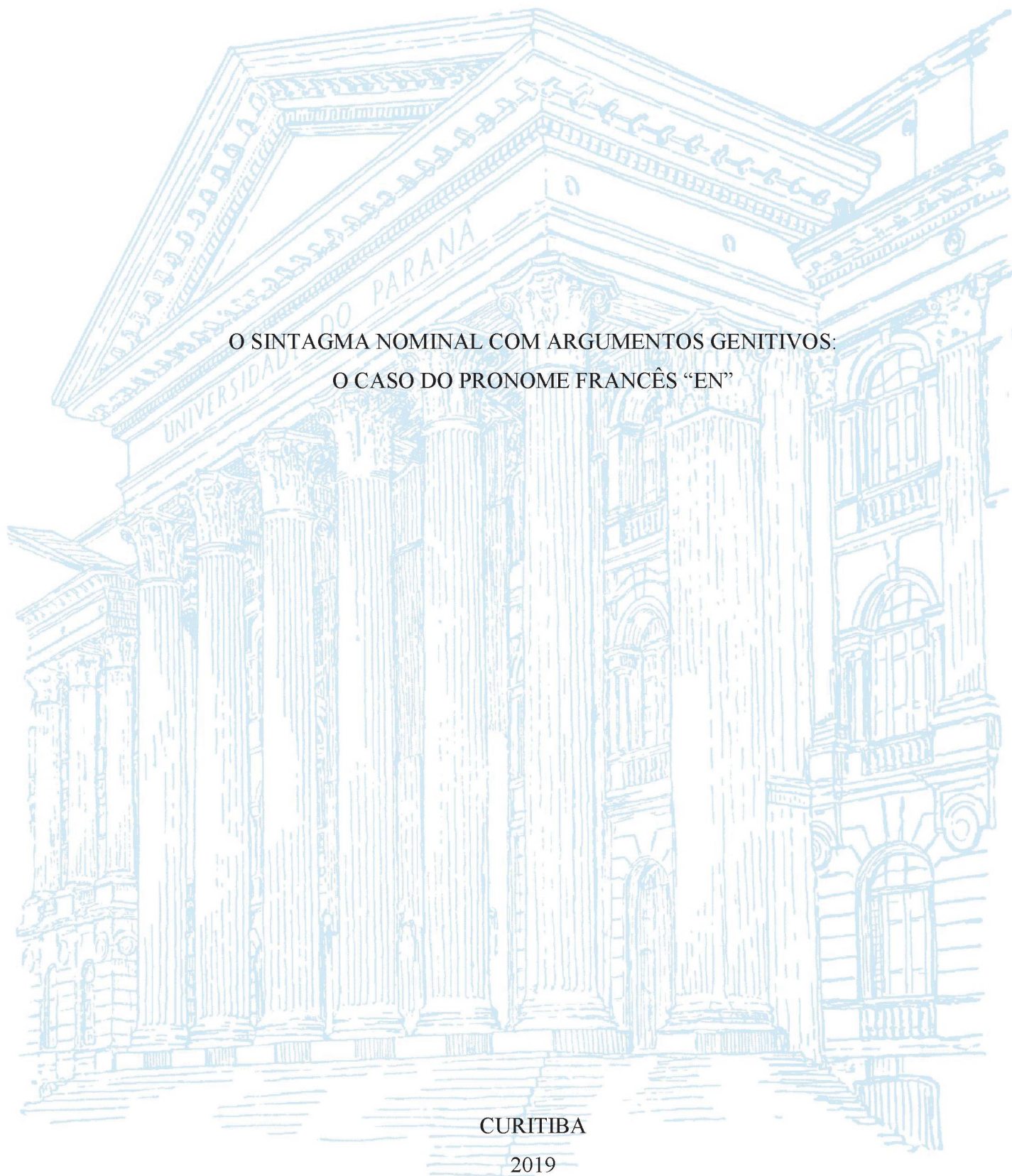
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PATRICIA SOBCZYNSKI GONCALVES

O SINTAGMA NOMINAL COM ARGUMENTOS GENITIVOS:  
O CASO DO PRONOME FRANCÊS “EN”

CURITIBA

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PATRÍCIA SOBCZYNSKI GONÇALVES

O SINTAGMA NOMINAL COM ARGUMENTOS GENITIVOS:

O CASO DO PRONOME FRANCÊS “EN”

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, Curso de Pós-Graduação e Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia de Araújo Rodrigues

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE  
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
COM OS DADOS FORNECIDOS PELA AUTORA

RITA DE CÁSSIA ALVES DE SOUZA – BIBLIOTECÁRIA / CRB 9ª/816

Gonçalves, Patrícia Sobczynski.

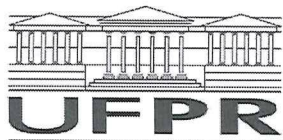
O sintagma nominal com argumentos genitivos: o caso do pronome francês “en” [recurso eletrônico] / Patrícia Sobczynski Gonçalves. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Patrícia de Araújo Rodrigues.

1. Língua francesa - Pronomes. 2. Língua francesa – Estudo e ensino.  
I. Título.

CDD 440.078



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -  
40001016016P7

ATA Nº936

## ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

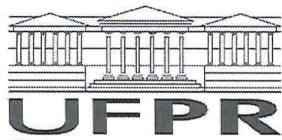
No dia vinte e seis de junho de dois mil e dezenove às 14:00 horas, na sala 1013, Rua General Carneiro, nº 460 - Ed. D. Pedro I, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **PATRICIA SOBCZYNSKI GONCALVES** para a Defesa Pública de sua dissertação intitulada **O SINTAGMA NOMINAL COM ARGUMENTOS GENITIVOS: O CASO DO PRONOME FRANCÊS "EN"**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES (UFPR), ROBERLEI ALVES BERTUCCI (UTFPR), VALDILENA RAMME (UNILA). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 26 de Junho de 2019.

PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

ROBERLEI ALVES BERTUCCI  
Avaliador Externo (UTFPR)

VALDILENA RAMME  
Avaliador Externo (UNILA)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -  
40001016016P7

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **PATRICIA SOBCZYNSKI GONCALVES** intitulada: **O SINTAGMA NOMINAL COM ARGUMENTOS GENITIVOS: O CASO DO PRONOME FRANCÊS "EN"** , após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Junho de 2019.

PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

ROBERLEI ALVES BERTUCCI  
Avaliador Externo (UTFPR)

VALDILENA RAMME  
Avaliador Externo (UNILA)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a minha família, meu porto seguro, meu exemplo a buscar sempre mais: meus avós Mirosław Sobczynski e Catarina Izabel Pena Gonçalves; meus pais Luiz Eduardo Pena Gonçalves e Lourdes Maria Sobczynski; meus irmãos Felipe Sobczynski Gonçalves, Juliana Sobczynski Gonçalves e Heitor José da Silva Gonçalves, minha sobrinha Clarice Teodoro Gonçalves e minhas tias, todas. Além disso, foi com eles que despertei minha curiosidade linguística, imersa em variantes do Paraná e do Pará (a eterna discussão sobre como pronunciar um “r”) e de uma língua de sinais praticamente autoral.

Aos professores Eduardo Nadalín, Nathalie Dessartre e Lúcia Cherem, a quem devo meu profundo interesse pela docência e pela língua francesa.

A minha orientadora Patrícia de Araújo Rodrigues pela dedicação e, sobretudo, paciência durante a escrita dessa dissertação.

A Valdilena Rammé e Roberlei Alves Bertucci, pela leitura atenciosa do meu texto de qualificação, pelos comentários e sugestões.

À Aliança Francesa de Curitiba, a Pascale Ribeiro, Bertrand Delacour e Coline Levêfre, pelo apoio incondicional desde o início do projeto de mestrado.

Ao Centro de Línguas da UFPR, onde me formei professora e que sempre me recebeu de braços abertos depois de cada período passado na França.

À CAPES, pelo apoio financeiro durante parte do mestrado.

Aos meus amigos...

Germano Manoel Pestana, pela amizade e pela parceria desde o primeiro dia de graduação; Luciane Boganika, pelas incontáveis vezes em que me mandou fotos de livros franceses, página por página; Sylvain Bureau, pela paciência em testar uma quantidade absurda de exemplos em francês.

Josiane Maria dos Santos, Ana Paula Fiorentin da Silva e Reinhard Dietrich Schalcher, pela amizade incondicional desde... sempre.

Rosália Pirolli e Andressa d’Ávila por dividir o melhor e o pior do meio acadêmico, e pelo tempo de leitura e releitura de algumas linhas desse trabalho.

Felipe Pupo e Maria Thereza Moss de Abreu, que me lembram sempre que não há nada que não se cure com um bom café e uma conversa sem hora para acabar.

Ronie Rodrigues, Antonio Sippel, Jean Soares e Aline Diuseppe, que transformam qualquer momento difícil em deboche.

A Elaine Bublitz, Thiago Bragança Braga, Iris Almeida, Jocimara Rodrigues, Daniel Arenhardt, Rodrigo Bueno, sempre disponíveis para me escutar, por mais repetitiva e reclamona que eu seja.

Por fim, agradeço aos meus colegas professores, em quem me inspiro sempre e com quem tenho o prazer de trocar ideias e de me formar a cada dia.

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma descrição das relações entre o pronome francês *en* e os constituintes no grupo nominal (NP), i.e., uma descrição do *en* genitivo, com foco em NPs nucleados por nomes concretos e deverbais. Nosso propósito é apresentar os critérios e as restrições da pronominalização em *en* a partir de uma bibliografia de base gerativa, sobretudo dos trabalhos de Milner (1982) e de Kupferman (1991, 2004). Deste modo, assumimos que *en* poderá pronominalizar somente um sintagma preposicional (PP) introduzido pela preposição *de* que seja argumento do nome núcleo. Para os nomes deverbais, a extração do genitivo objetivo em *en* dependerá da leitura aspectual do NP, que deverá ser eventivo, e do traço do argumento externo do verbo do qual deriva, que deverá ser [+agentivo]. Quanto aos deverbais estativos e os nomes concretos com mais de um argumento genitivo, a extração em *en* deverá respeitar uma hierarquia existente entre esses argumentos: *possuidor*>*agente*>*tema*. Também discutimos a limitação das descrições acerca dos NPs nucleados por deverbais denotando estados mentais, e das restrições envolvendo a animacidade do referente de *en*.

**Palavras chave:** Pronome *en*. Sintagma nominal. Extração. Genitivos



## ABSTRACT

This work describes some relations between the French pronoun *en* and the constituents of the noun phrase (NP), i.e., a description of the genitive *en*, focusing on NPs headed by concrete and deverbal nouns. Our purpose is to present the criteria and constraints of *en* pronominalization from a generative bibliography, especially from Milner (1982) and Kupferman (1991, 2004). Thereby, we assume that *en* can only pronominalize a prepositional phrase (PP) headed by the preposition *de*. For deverbal nouns, the extraction of the objective genitive using *en* will depend on the aspectual reading of the NP, which should be eventive, and the external argument of the verb from which it derives should have the property [+agentive]. As for stative deverbal nouns and concrete nouns with more than one genitive argument, the extraction using *en* should respect the existing hierarchy between these arguments: *possessor*>*agent*>*theme*. We also discuss the constraints of descriptions regarding NPs headed by deverbal nouns denoting mental states, as well as the constraints involving the animacy of the referent of *en*.

**Keywords:** En pronoun. Noun phrase. Extraction. Genitives.

## RÉSUMÉ

Cette recherche présente une description des rapports entre le pronom français *en* et les constituants dans le groupe nominal (NP), c'est-à-dire une description du *en* génitif, plus particulièrement dans les NP ayant un N noyau concret ou déverbal. Notre objectif est de présenter les critères et les restrictions de la pronominalisation sous *en* à partir d'une bibliographie à base générative, en particulier les travaux de Milner (1982) et de Kupferman (1991, 2004). De cette façon, nous présupposons que le pronom *en* ne pourra pronominaliser qu'un syntagme prépositionnel (PP) introduit par la préposition *de* qui soit l'argument du nom noyau. Pour les noms déverbaux, l'extraction du génitif objectif sous forme de *en* dépendra de la lecture aspectuelle du NP, lequel devra être éventif, et du trait de l'argument externe du verbe dont il derive, qui devra être [+agentif]. Quant aux déverbaux estatifs et les noms concrets avec plus d'un argument génitif, l'extraction sous forme de *en* devra respecter une hiérarchie de ces arguments : *possesseur*>*agent*>*thème*. Nous discuterons également les limites des descriptions autour des NP ayant un N noyau déverbal désignant des états mentaux, ainsi que les contraintes liées à l'animacité du référent de *en*.

**Mots-clés** : Pronom en. Syntagme nominal. Extraction. Génitifs

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Propriedades gerais da extração em <i>en</i> .....	37
Tabela 2 Número de ocorrências das preposições simples do francês .....	39
Tabela 3 Relações da preposição de dentro do NP a partir da noção de posse e origem .....	41
Tabela 4 Nuances na interpretação de <i>de</i> : de determinação a identificação.....	45
Tabela 5 Propriedades das classes aspectuais de Vendler .....	49
Tabela 6 Polissemia de nomes deverbais.....	56
Tabela 7 Nuances na interpretação aspectual de nomes deverbais.....	57
Tabela 8 A extração de argumentos de nomes deverbais em <i>en</i> .....	81

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 O PRONOME <i>EN</i> .....	18
2.1 EXTRAÇÃO A PARTIR DE UM VP.....	19
2.2 EXTRAÇÃO A PARTIR DE UM AP.....	21
2.3 EXTRAÇÃO A PARTIR DE UM NP.....	23
2.3.1 Complemento de um nome.....	23
2.3.2 <i>En</i> quantitativo e <i>en</i> partitivo .....	26
2.4 REFERENTES ANIMADOS E INANIMADOS.....	31
3.1 A PREPOSIÇÃO <i>DE</i> .....	39
3.2 ASPECTO VERBAL.....	49
3.3 ESTRUTURA ARGUMENTAL E ASPECTO DAS NOMINALIZAÇÕES DEVERBAIS.....	52
3.3.1 Verbos com mais de um argumento .....	52
3.3.1.1 Seleção Argumental.....	52
3.3.1.2 Aspectos das nominalizações derivadas de verbos com pelo menos dois argumentos .....	55
3.3.2 Verbos monoargumentais.....	58
3.3.2.1 Seleção argumental.....	58
3.3.2.2 Aspectos das nominalizações derivadas de verbos monoargumentais.....	60
4 <i>EN</i> GENITIVO .....	63
4.1 PROPRIEDADES GERAIS DA EXTRAÇÃO DE <i>EN</i> NO NP .....	65
4.2 NOMES CONCRETOS.....	68
4.3 NOMES DEVERBAIS .....	72
4.3.1 Nomes deverbais com mais de um argumento .....	74
4.3.1.1 Nomes deverbais com apenas um argumento genitivo .....	74

4.3.1.2 Nomes deverbais com dois argumentos genitivos.....	77
4.3.2 Nomes derivados de verbos monoargumentais .....	79
4.4 NOMES DEVERBAIS DENOTANDO ESTADOS MENTAIS .....	81
4.4.1 A análise de Kupferman .....	82
4.4.2 A tipologia de Cançado .....	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	93
REFERÊNCIAS .....	96

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe um estudo do pronome francês *en*, que tem a função de substituir PPs introduzidos pela preposição *de*, podendo ocorrer dentro de um sintagma verbal, como em (01), adjetival, como em (02) e nominal, como em (03). Nosso estudo contemplará a ocorrência de *en* no terceiro grupo, dos sintagmas nominais, comumente denominado *en genitivo*.

- (01) - Tu te charges de ce travail? - Oui, je m' en charge.  
 tu te encarregas de esse trabalho sim eu me *en* encarrego  
 ‘- Você se encarrega desse trabalho? - Sim, eu me encarrego (dele).’
- (02) J' en suis sûre.  
 eu *en* estou certa  
 ‘Eu estou certa disso.’
- (03) La traduction en est confiée à des professionnels (= des contrats)  
 a tradução *en* é confiada a uns profissionais (= de+os contratos)  
 ‘A tradução (deles) é confiada a profissionais. (= dos contratos)’

As questões que serão discutidas surgiram da observação da baixa presença do pronome *en* na produção de alunos de Francês como Língua Estrangeira (FLE), do nível mais elementar ao mais avançado. Constatamos que, passados os exercícios de aquisição, assimilação e aplicação das lições do manual que comportam explicitamente o uso do pronome, a recorrência deste nos textos dos alunos é mínima. Quanto à oralidade, percebe-se que, embora as atividades proporcionem contextos específicos para que o *en* ocorra, ele raramente aparece espontaneamente nas interações em sala de aula, mesmo de maneira errônea. Essa percepção se mantém também entre falantes experientes do idioma e/ou que vivem em países francófonos, ainda que o pronome seja utilizado de maneira recorrente por falantes nativos. De fato, a língua portuguesa não apresenta equivalente exato para *en* e, embora possa ser traduzido como *dele*,

*dela* ou *disso*, o lugar que ele ocuparia em português é comumente expresso por um objeto nulo<sup>1</sup>.

- (04) -Tu te souviens de cette histoire? - Oui, je m' en souviens.  
 tu te lembrás de essa história Sim eu me *en* lembro  
 - 'Você se lembra dessa história? - 'Sim, eu me lembro (Ø / dela / disso).'

Logo, nas produções de falantes não nativos brasileiros, ele é comumente substituído por *de ça* 'disso', por *de cette chose* 'dessa coisa', por *c'est* 'isto é / é', ou por uma categoria vazia (nos dois últimos casos, a sentença não seria considerada boa) como em (05), (06), (07) e (08) respectivamente, exemplos em (a)<sup>2</sup>. Nos exemplos em (b), temos seu equivalente com o uso do pronome.

- (05) a. Il a besoin de ça  
 ele tem necessidade de isso  
 'Ele precisa disso.'
- b. Il en a besoin.  
 ele *en* tem necessidade  
 'Ele precisa disso.'
- (06) a. Elle parle de cette chose tout le temps.  
 ela fala de essa coisa todo o tempo  
 'Ela fala dessa coisa o tempo todo.'
- b. Elle en parle tout le temps.  
 ela *en* fala todo o tempo  
 'Ela fala disso o tempo todo'

<sup>1</sup> Nas traduções dos exemplos em língua portuguesa, adotaremos tanto a tradução quanto a ausência do pronome, porém não caberá a este estudo comparar os dois sistemas.

<sup>2</sup> O exemplo (07) foi retirado da entrevista do jogador de futebol Thiago Silva (*BRUT a rencontré Thiago Silva, 2019*), que mora em Paris e, aparentemente, se expressa em francês sem dificuldades. O exemplo em (07b) é a versão legendada em francês da frase (07a) enunciada no vídeo. Os outros exemplos se baseiam em observações informais da fala de alunos em sala de aula.

- (07) a. Au Brésil, il y avait la plage, le soleil, ici # c' est moins.  
 a+o brasil, EXPL lá tinha a praia o sol aqui isto é menos  
 ‘No Brasil, lá tinha a praia, o sol, aqui é menos.’
- b. Au Brésil, il y avait la plage, le soleil, ici il y en a moins.  
 a+o brasil, EXPL lá tinha a praia o sol aqui EXPL lá *en* tem menos  
 ‘No Brasil, lá tinha a praia, o sol, aqui tem menos.’
- (08) a. \*Je  $\emptyset$  veux trois.  
 eu quero três
- b. J' en veux trois.  
 eu *en* quero três.  
 ‘Eu quero três (desses).’

Mesmo havendo explicações sobre a pronominalização em *en* nas gramáticas tradicionais (cf. GREVISSE, 1980; BESCHERELLE, 2006) e nas pesquisas em aquisição do Francês como Língua Estrangeira (KALMBACH, 2005; OLIVEIRA, 2014), é na literatura de base gerativa que encontramos o maior número de estudos sobre esse pronome (GROSS, 1986; RUWET, 1972; KAYNE, 1975; POLLOCK, 1986; KUPFERMAN, 1991; LAGAE, 2001; BOIVIN, 1999; HULK, 1983; entre outros).

Nesses estudos, a temática da extração a partir de um NP é quase unânime, visto a quantidade de restrições que o *en* genitivo pode apresentar. Dada a proporção da literatura acerca do *en* genitivo, nós nos concentraremos em uma questão aparentemente pouco descrita: a extração a partir de nomes concretos e deverbais, em (09)<sup>3</sup> e (10) respectivamente.

- (09) Les murs en sont noirs. (= de la chambre)  
 os paredes *en* são pretos (= de a quarto)  
 ‘As paredes (dele) são pretas. (= do quarto)’
- (10) L'explication en est simple. (= de la théorie / ? de Claire)  
 a explicação *en* é simples (= de a teoria / de Claire)  
 ‘L'explication (dela) é simples. (= da teoria / de Claire)

---

<sup>3</sup> Exemplo extraído da música *Un parapluie pour deux* (FERSEN; VERNON, 1995).



O objetivo da dissertação é fazer um estudo descritivo bibliográfico do comportamento do pronome dentro do NP, com enfoque nas restrições do seu emprego. Nos basearemos principalmente nos textos de Milner (1982), sobre os nomes concretos e as relações de hierarquia dos argumentos do nome núcleo, e de Kupferman (1991, 2004), a respeito dos estudos dos nomes deverbais e as relações entre o aspecto e estrutura argumental no NP. A bibliografia utilizada será, sobretudo, de base gerativa, ainda que a Gramática Tradicional seja usada como referência para algumas generalidades.

Os exemplos tratados neste estudo serão, em sua grande maioria, extraídos ou adaptados a partir da bibliografia consultada. Ao longo desta pesquisa, também foram feitas algumas consultas a falantes nativos, a fim de identificar quais contextos necessitariam de maior análise neste ou em futuros trabalhos. No entanto, essas consultas foram feitas de maneira informal e com um número muito reduzido de indivíduos, sendo insuficientes para comprovar qualquer hipótese.

Esperamos que as questões aqui levantadas possam servir de orientação a professores e alunos de FLE curiosos sobre as particularidades do pronome e sobre os casos que fogem de generalizações já conhecidas. Mesmo que este estudo não seja adaptado para o uso didático, sabemos que os manuais de FLE e as gramáticas em geral não contemplam todas as questões que podem surgir dentro da sala de aula. Comumente, vemos professores (nativos ou não) serem capazes de usar com fluência todas as minúcias da língua que ensinam, mas incapazes de explicar detalhes que fogem de generalizações já descritas nas gramáticas. Acreditamos que dar conta das ditas *exceções*, o que é considerado pelo senso comum como parâmetro para medir a dificuldade em aprender determinado idioma, e ser capaz de explicitar um conhecimento já internalizado seja um dos grandes desafios de quem ensina.

O trabalho está organizado como segue.

No capítulo 2, descreveremos o contexto geral da pronominalização em *en*: sua realização dentro de um sintagma verbal (VP), de um sintagma adjetival (AP) e de um sintagma nominal (NP), apresentando algumas de suas restrições em cada contexto. Ao final do capítulo, mostraremos brevemente como a literatura trata as restrições acerca da animacidade do referente de *en*.

No capítulo 3, trataremos das relações entre os constituintes do NP. Na seção 3.1, apresentaremos as diferentes interpretações da preposição *de* que, quando dentro do NP, é usualmente associada ao caso genitivo do latim. Veremos que, de fato, o caso genitivo deu lugar a PPs em *de* no francês contemporâneo, porém nem todo *de* vem desse contexto. Na seção 3.2, trataremos das noções de aspecto verbal, a partir da tipologia de Vendler (1957), a saber: verbos

de estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*. As definições dessa seção servirão de base para a seção seguinte. A seção 3.3 será dedicada à seleção argumental de nomes deverbais e suas relações com o aspecto verbal. Veremos que a leitura aspectual do verbo nem sempre se mantém nas nominalizações e de que forma essa mudança influenciará na seleção das preposições dos PPs dentro do NP deverbal.

No capítulo 4, discutiremos mais especificamente o contexto em que o pronome *en* é extraído a partir do grupo nominal. A organização das seções está estruturada de acordo com categorias descritas por Kupferman (1991), trabalho em que baseamos grande parte das análises elaboradas. Assim, na seção 4.1 faremos descrições gerais do comportamento do pronome dentro do NP. Na seção 4.2, trataremos de NP nucleados por nomes concretos a partir de Milner (1982). Veremos que, como o nome poderá ter mais de um argumento em *de*, a extração em *en* deverá respeitar uma hierarquia existente entre os argumentos: *possuidor*>*agente*>*tema*. A seção 4.3 será dedicada à descrição dos NPs contendo um nome núcleo deverbal, a partir dos estudos de Kupferman (1991, 2004). Segundo o autor, a pronominalização em *en* dependerá do aspecto expresso pelo NP, da agentividade do argumento externo do verbo do qual o nome deriva e, no caso de dois PPs em *de*, de relações hierárquicas análogas às relações entre argumentos de nomes concretos. Por fim, na seção 4.4, trataremos dos deverbais que expressam o que Kupferman denomina *estados mentais*. Observaremos, porém, que a descrição de Kupferman (1991) não é suficiente para dar conta da complexidade dessa classe de verbos e nomes. Assim, apresentaremos uma descrição mais completa dessa categoria, a partir da tipologia de Caçado para verbos, e das análises de Barque, Fábregas e Marin (2012) e Fabregas, Marin e McNally (2012) para os nomes deverbais e suas possíveis leituras aspectuais.

No capítulo 5, apresentaremos nossas considerações finais, resumindo as descrições apresentadas nesta dissertação e apontando para as discussões a serem desenvolvidas em possíveis estudos posteriores.

## 2 O PRONOME *EN*

De acordo com Grevisse (1980), Mauger (1968), entre outros, o pronome *en* tem sua fonte no advérbio *inde* com valor locativo indicando origem, algo como *de lá*<sup>4</sup>, *dai*. Assim, em francês contemporâneo, o pronome em análise pode aparecer substituindo um PP de valor locativo:

- (11) a. Pierre vient de Paris.  
 Pierre vem de Paris  
 ‘Pierre vem de Paris.’
- b. Pierre en vient.  
 Pierre *en* vem  
 ‘Pierre vem de lá.’

Mas, além desse uso, *en* é um clítico que aparece em diversos contextos e é, tradicionalmente, apresentado como um substituto a um sintagma preposicional (PP) introduzido por *de*. Assim, ele poderá ser extraído a partir de grupos verbais (VP), adjetivais (AP) ou nominais (NP<sup>5</sup>) exemplificados em (12), (13) e (14), respectivamente.

- (12) Jean en parle. (= de son voyage)  
 João *en* fala de seu viagem  
 ‘João fala (disso). (= de sua viagem)’
- (13) Marie en est contente. (= de son résultat).  
 Maria *en* é contente de seu resultado  
 ‘Maria está contente. (com seu resultado)’

---

<sup>4</sup> No entanto, Bottineau (2013) explica que *en* e *de là* ‘de lá’ não têm a mesma leitura. Em (i), *en* determina uma relação entre um movimento e a origem. Já em (ii) *de là* não indica necessariamente um deslocamento, mas uma fonte.

(i) Je ne vais pas retourner au supermarché, j’ en viens / \*je viens de là  
 eu NEG vou NEG retornar a+o supermercado, eu en venho / eu venho de lá  
 ‘Eu não vou voltar ao supermercado, eu estou vindo de lá / eu venho de lá.’

(ii) Le couteau, il vient de là (il se range dans ce tiroir).  
 o faca ele vem de lá ele se guarda dentro esse gaveta  
 ‘A faca, ela vem de lá (ela fica dentro dessa gaveta)’

(Ibid., p. 53)

<sup>5</sup> Uso aqui um NP e não um DP, como é corrente na literatura atual, porque os textos que tenho consultado utilizam essa notação e a distinção entres os dois não será relevante na descrição aqui proposta.

- (14) Claire *en* connait les effets. (= de ce médicament).  
 Clara *en* conhece os efeitos de esse remédio  
 ‘Clara conhece os efeitos (dele). (= desse remédio)’

Assim, notamos que nas gramáticas tradicionais a descrição do clítico enfoca essencialmente a presença da preposição *de*, como vemos: “[o pronome *en*] substitui um nome de coisa precedido pela preposição *de*” (DELATOUR et al., 2004); “é um pronome pessoal relativo quando corresponde a um nome construído com *de*” (GREVISSE, 1980); “tem papel de pronome complemento precedido de *de*” (MAUGER, 1968); ou “é frequentemente o equivalente de um complemento construído com a preposição *de*” (PINCHON; WAGNER, 1991). No entanto, essas definições escondem uma série de restrições acerca da natureza do PP que *en* substitui, conforme veremos adiante. Discutiremos, mais detidamente, a seguir, os usos de *en* nos três contextos apresentados no início da seção, a saber, extração de grupos verbais (seção 1.1), adjetivais (seção 1.2) e nominais (seção 1.3). No final do capítulo (seção 1.4), colocaremos para debate a validade de uma restrição frequentemente mencionada com relação ao uso do pronome *en* na substituição de nomes marcados como animados.

## 2.1 EXTRAÇÃO A PARTIR DE UM VP

Os contextos que permitem a extração de *en* de dentro de um VP, antes restrita a um locativo indicando origem, são hoje bastante abrangentes. Por exemplo, *en* aparece substituindo constituintes nominais complementos de um verbo introduzidos pela preposição *de*, como em (15), em que *de cette occasion* é complemento do verbo *profiter*.

- (15) a. Pierre profite de cette occasion pour donner son avis.  
 Pierre aproveita de esta ocasião para dar seu opinião  
 ‘Pierre aproveita a oportunidade para dar a sua opinião.’
- b. Pierre *en* profite pour donner son avis.  
 Pierre *en* aproveita para dar seu opinião  
 ‘Pierre aproveita  $\emptyset$  para dar a sua opinião.’
- c. \* Pierre profite pour donner son avis.  
 Pierre aproveita para dar seu opinião.

É importante destacar que, ao contrário do português brasileiro (PB), o uso do pronome *en* é obrigatório em (15b), isto é, uma sentença como (15c) é agramatical. Por outro lado, *en* também pode substituir complementos sentenciais, como em (16), onde se vê uma aparente exceção à regra apresentada acima; nesse caso, a preposição *de* não aparece:

- (16) a. Pierre profite que son chef est parti pour donner son avis.  
 Pierre aproveita que seu chefe está partido para dar seu opinião  
 ‘Pierre aproveita que seu chefe foi embora para dar a sua opinião.’
- b. Pierre en profite pour donner son avis.  
 Pierre *en* aproveita para dar seu opinião  
 ‘Pierre aproveita  $\emptyset$  para dar a sua opinião.’
- c. \* Pierre profite pour donner son avis.  
 Pierre aproveita para dar seu opinião.

Sabemos, no entanto, que a preposição em (16a) está implícita, algo como *Pierre profite du fait que son chef est parti* ‘Pierre se aproveita do fato de que seu chefe foi embora’. No ensino de FLE, esse exemplo poderia constituir um problema, já que o pronome é apresentado sempre como ligado à preposição *de*<sup>6</sup>.

Verbos que não selecionam argumentos em *de*, como *féliciter* ‘felicitar’ ou que selecionam apenas um argumento externo, como *rire* ‘rir’ ou *souffrir* ‘sofrer’, podem autorizar a extração de *en* a partir dos seus adjuntos. Hvidsten (2014) explica, porém, que esses verbos são seguidos de um complemento de causa e que a natureza deste influencia a possibilidade de extração de *en*. Observemos um exemplo dado pelo autor (p. 89) com o verbo *rire*, representado em (17):

- (17) Je lui ai raconté mon histoire et elle en a ri de plaisir.  
 eu lhe tenho contado meu história e ela *en* tem rido de prazer  
 ‘Eu contei a ela a minha história e ela riu (disso) de prazer.’

Neste caso, temos dois complementos em *de*: *de mon histoire* e *de plaisir*, sendo o primeiro a expressão da fonte, da causa direta do riso, e o segundo a indicação do modo, de

---

<sup>6</sup> A mesma dificuldade é percebida em NPs quantitativos, que serão apresentados no final desta seção.

dois eventos quase simultâneos (ou uma *causa parcial*, segundo Hvidsten). Assim, *de mon histoire* pode naturalmente ser extraído, o que não seria possível com *de plaisir*.

Como se vê, embora existam restrições para a extração de *en* de dentro do VP, como em (17), ou haja casos em que a relação com a preposição *de* não é evidente, como em (16), essas questões passam praticamente despercebidas na literatura consultada.

## 2.2 EXTRAÇÃO A PARTIR DE UM AP

A extração de *en* de dentro do grupo adjetival também é possível, já que também traz complementos introduzidos por *de*:

(18) a. Marie est fière de son résultat.  
           maria é orgulhosa de seu resultado  
           ‘Maria está orgulhosa de seu resultado.’

b. Marie en est fière.  
           maria *en* é orgulhosa  
           ‘Maria está orgulhosa (disso).’

(19) a. Anne est amoureuse de ce livre.  
           ana é apaixonada de esse livro  
           ‘Ana é apaixonada por esse livro.’

b. Anne en est amoureuse.  
           ana *en* é apaixonada  
           ‘Anne é apaixonada (por ele).’

Assim como nos complementos do VP, a preposição pode ser apagada em casos de complementos oracionais, mas mantém sua pronominalização em *en*:

(20) a. Le garçon est content qu’ il fasse beau.  
           o garoto é contente que EXPL faça bonito  
           ‘O garoto está feliz que faça sol.’ (Hvidsten, 2014, p. 67)

- b. Le garçon en est content.  
 o garoto *en* é contente  
 ‘O garoto está feliz por isso.’

No entanto, a pronominalização dentro de um grupo adjetival depende de dois critérios: tratar-se de adjetivos que assumem a função de predicado (ou seja, tratar-se de uma *small clause*) e o núcleo V ser um verbo inacusativo (ou seja, o sujeito é gerado na posição de argumento interno e é alçado para a posição de sujeito).

Por exemplo, em (21) a extração é proibida, porque a construção não comporta um verbo inacusativo e *fier* é adjetivo atributivo modificador do N *homme*. Em (22), a extração é igualmente proibida, porque, apesar de o adjetivo se encontrar em uma função predicativa em uma *small clause*, o verbo *trouver* ‘achar’ não é inacusativo. Apenas em (23) e em (24), que apresentam as duas características simultaneamente, a substituição por *en* é possível: os verbos *être* ‘ser/estar’ e *sembler* ‘parecer’ são inacusativos e os adjetivos assumem a função de predicado.

- (21) a. Je connais un homme fier de son travail.  
 eu conheço um homem orgulhoso de seu trabalho  
 ‘Eu conheço um homem orgulhoso do seu trabalho.’  
 b. \*J’ en connais un homme fier.  
 eu *en* conheço um homem orgulhoso
- (22) a. Le patron trouve cet homme fier de son travail.  
 o patrão acha este homem orgulhoso de seu trabalho  
 ‘O patrão acha este homem orgulhoso do seu trabalho.’  
 b. \*Le patron en trouve cet homme fier.  
 o patrão *en* acha este homem orgulhoso
- (23) a. Je connais un homme qui est fier de son travail.  
 eu conheço um homem que é orgulhoso de seu trabalho  
 ‘Eu conheço um homem que é orgulhoso do seu trabalho.’

b. Je connais un homme qui en est fier.  
 eu conheço um homem que *en* é orgulhoso  
 ‘Eu conheço um homem que é orgulhoso disso.’

(24) a. Cet homme semble fier de son travail.  
 este homem parece orgulhoso de seu trabalho  
 ‘Este homem parece orgulhoso do seu trabalho.’

b. Cet homme en semble fier.  
 este homem *en* parece orgulhoso  
 ‘Este homem parece orgulhoso disso.’

Essas restrições, no entanto, não são encontradas em nenhum dos estudos consultados, sendo apenas citadas superficialmente por Wyler (2018). Tanto em outras gramáticas tradicionais quanto na literatura gerativa consultadas, a pronominalização em *en* a partir de um AP não é aprofundada.

## 2.3 EXTRAÇÃO A PARTIR DE UM NP

### 2.3.1 Complemento de um nome

Os constituintes introduzidos pela preposição *de* dentro de um NP também poderão ser pronominalizados em *en*, como em (25), em que o pronome *en* substitui o PP *de ce livre*, complemento do nome *prix*. Nesses casos o pronome é denominado *en genitivo* (TELLIER E VALOIS, 2006). Como será discutido mais detalhadamente no capítulo 4, o termo “genitivo” neste trabalho expressa a relação entre um núcleo nominal e seus argumentos nominais introduzidos pela preposição *de*. Assim, esses argumentos nominais são denominados genitivos subjetivos ou genitivos objetivos, a depender da função ou papel do argumento.

(25) Nous aimerions en connaître le prix. (= de ce livre)  
 nós amaríamos *en* conhecer o preço de esse livro  
 ‘Nós gostaríamos de saber o preço dele. (= desse livro)’



O clítico *en* extraído de dentro do sintagma nominal foi, sem dúvida, o que motivou o maior número de publicações acerca do pronome. Isso se deve provavelmente ao número de restrições para que a pronominalização se realize.

Como trataremos dessas restrições ao longo deste trabalho, nos contentaremos, por ora, em explicar que *en* só poderá ter como referente um constituinte que seja argumento do nome núcleo, como em (26), onde temos uma relação de parte-todo entre *porte* ‘porta’ e *frigo* ‘geladeira’, por exemplo; sendo *frigo* o complemento de *porte*<sup>7</sup>. Nesse caso, a extração através de *en* será possível. Já em (27), *soupe* não é parte integrante de *congélateur* e a relação entre os dois é passageira, locativa. Portanto, *du congélateur* é um adjunto e a pronominalização desse constituinte é agramatical (KUPFERMAN, 1991, p. 19):

- (26) a. La porte du frigo est abimée.  
           a porta de+o geladeira é estragada  
           ‘A porta da geladeira está estragada.’
- b. La porte en est abimée.  
           a porta *en* é estragada  
           ‘A porta (dela) está estragada.’
- (27) a. La soupe du congélateur est périmée.  
           a sopa de+o congelador é estragada  
           ‘A sopa do congelador está estragada.’
- b. \*La soupe en est périmée  
           a sopa *en* é estragada

No entanto, a condição de ser um argumento não é o único critério para a pronominalização em *en*. Veremos em Milner (1982) e Kupferman (1991, 1996, 2004) que nomes concretos e deverbais apresentarão outras restrições para a extração de seus argumentos através do clítico. Por exemplo, em (28) a extração dos argumentos do nome concreto *tableau* ‘quadro’ deverá obedecer a uma hierarquia. No caso em que ambos estejam expressos na sentença, o possessivo *du Louvre* ‘do Louvre’ tem preferência sobre o agente *de ce peintre*

---

<sup>7</sup> Ainda que a realização do argumento não seja obrigatória, sabemos que toda porta pertence a algo (à geladeira, a uma casa, uma peça da casa, a um armário, etc). Ou seja, poderíamos simplesmente dizer *la porte est abimée*, sem um NP complemento e nem o pronome *en*.

‘desse pintor’. Já em (29) temos uma restrição aspectual: o objeto do nome deverbal *respect* ‘respeito’ só poderá ser pronominalizado se a sentença tiver leitura eventiva, como em (29a), e será agramatical no caso de uma interpretação estativa, como em (29b).

(28) a. Le tableau du Louvre de ce peintre est apprécié.  
o quadro de+o louvre de esse pintor é apreciado  
‘O quadro do Louvre desse pintor é apreciado.’

b. Le tableau de ce peintre en est apprécié.  
o quadro de esse pintor *en* é apreciado  
‘O quadro dele desse pintor é apreciado.’

c. \*Le tableau du Louvre en est apprécié.  
o quadro de+o louvre *en* é apreciado

(29) a. Ce traité, le respect en est vraiment nécessaire  
esse tratado o respeito *en* é realmente necessário  
‘Esse tratado, o respeito dele é realmente necessário’

b. \*les valeurs sûres, le respect en est toujours visible  
as valores seguras, o respeito *en* é sempre visível

(KUPFERMAN, 1991, p. 130)

Outra característica que chama a atenção dos pesquisadores é o comportamento do *en* dentro de um grupo nominal sujeito, já que esse é o único pronominal complemento em francês que poderá ocupar esta posição (KUPFERMAN, 1991, p. 116). No entanto, a diferença entre a sintaxe de *en* e dos demais clíticos se dá apenas na estrutura superficial. Em (30), por exemplo, ao contrário de (31), a extração de *en* a partir do sujeito não é possível. Em (31), a extração do complemento no NP sujeito só é possível porque se trata de uma construção com um verbo inacusativo. Em outras palavras, a extração ocorre a partir de um grupo nominal que é, na verdade, um objeto profundo do verbo.

(30) \* Un chapitre en présente de sujets épineux. (= de ce livre)  
um capítulo *en* apresenta de assuntos espinhosos (= de esse livro)

- (31) Un chapitre en a été publié. (= de ce livre)  
 um capítulo *en* tem sido publicado (= de esse livro)  
 ‘Um capítulo (dele) foi publicado. (= desse livro)’

Citamos aqui alguns exemplos das propriedades do pronome *en* dentro do grupo nominal. Ao longo deste trabalho discutiremos de maneira mais detalhada sobre essas e outras propriedades. Mas, antes, gostaríamos de apresentar o comportamento do clítico dentro do NP em outro contexto que não será desenvolvido neste trabalho: o quantitativo e o partitivo.

### 2.3.2 *En* quantitativo e *en* partitivo

Ainda dentro do grupo nominal, o pronome *en* pode ter a função de substituir um constituinte com valor quantitativo ou partitivo.

De acordo com Tellier e Valois (2006), *en* quantitativo substitui um constituinte que segue um elemento que denota quantidade: *trois livres, beaucoup de livres, certains livres*. Esse constituinte deverá “ser o núcleo do sintagma (= *livres*) ou um constituinte introduzido por *de* sem determinante (= *de livres*)”<sup>8</sup> (p. 145), como em (32) e (33), respectivamente.

- (32) Émile en connait trois. (= symphonies de Beethoven<sup>9</sup>)  
 Emílio *en* conhece três (= sinfonias de Beethoven)  
 ‘Emílio conhece três. (sinfonias de Beethoven)’
- (33) Les voisins en ont planté beaucoup / un camion. (= de fleurs)  
 os vizinhos *en* têm plantado muitas / um caminhão (= de flores)  
 ‘Os vizinhos plantaram muitas / um caminhão. ([de] flores)’

<sup>8</sup> “est soit le nom tête du syntagme (= livres), soit un constituant introduit par *de* et dépourvu de déterminant (= de livres).”

<sup>9</sup> Kayne (1975) explica que *de* estaria presente em um nível mais abstrato de representação, já que pode aparecer em variantes populares do francês ou em sentenças em que o referente é deslocado (p. 112-113).

- (iii) J’ ai une de casserole qu’ elle est trouée  
 Eu tenho uma de panela que ela é furada  
 ‘Eu tenho uma panela que está furada’
- (iv) Il en a deux, de soeurs.  
 Ele *en* tem duas, de irmãs.  
 ‘Ele tem duas, irmãs.’

Já o *en* partitivo substitui um constituinte introduzido por *de* que é complemento de um nome de valor numeral ou quantitativo. O elemento pronominalizado em *en* denota um todo da parte expressa pelo nome e “diferentemente do *en* quantitativo [...], o constituinte em *de* substituído por *en* comporta um determinante definido, possessivo ou demonstrativo”<sup>10</sup> (TELLIER; VALOIS, 2006, p. 145). Em (34), entende-se que Émile conhece a maioria das sinfonias, dentro do número total de sinfonias conhecidas (com determinante definido presente em *des* ‘das’), ou dentro de uma lista de sinfonias apresentadas no contexto (com o demonstrativo *ces* ‘essas’). Em (35) o falante pede um número definido de batatas, um quilo, de dentro de um total que lhe é apresentado.

- (34) Émile en connaît la plupart. (= des / de ces symphonies)  
 emílio *en* conhece a maioria (= de+as / de essas sinfonias  
 ‘Émile conhece a maioria. (= das / dessas sinfonias)’
- (35) Vous m’ en mettez un kilo. (= de ces pommes de terre)  
 você me *en* colocará um quilo (= de essas batatas)  
 ‘Coloque um quilo. (= destas batatas)’

No entanto, ainda que, como Tellier e Valois (2006), alguns autores acreditem que a distinção entre quantitativos e partitivos seja pertinente (HULK, 1983), outros não consideram relevante separar as duas categorias ao estudar o pronome ou o valor de *de* na sentença (LAGAE, 2001; BOIVIN, 1999). Mas, como diferenciar um quantitativo de um partitivo?

Para Milner (1978 apud MÜLLER, 1996), quantitativos se referem a um subconjunto dentro de um todo indeterminado, enquanto partitivos se referem a um subconjunto de um todo determinado. Nos exemplos (36) e (37), *en* poderá ter uma leitura tanto quantitativa como partitiva. Em (36), entende-se que Mathieu pode ter lido dois livros (leitura quantitativa) ou pode ter lido dois livros de um determinado conjunto (leitura partitiva). Da mesma forma, em (37), entende-se que nós plantamos muitas flores (leitura quantitativa) ou plantamos muitas das flores de um determinado conjunto (leitura partitiva).

---

<sup>10</sup> “À la différence du quantitatif décrit ci-dessus, le constituant en *de* remplacé par *en* comporte un déterminant défini, possessif ou démonstratif.”

- (36) Mathieu en a lu deux. (= livres, de ces livres)  
 mateus *en* tem lido dois (= livros de esses livros)  
 ‘Mathieu leu dois. (livros, destes livros)’
- (37) Nous en avons planté beaucoup. (= de fleurs, de ces fleurs)  
 nós *en* temos plantado muitas (= de flores de essas flores)  
 ‘Nós plantamos muitas. (flores, destas flores)’

Boivin (1999, p. 33), no entanto, acredita que esse tipo de ambiguidade não é estrutural. Para a autora, partitivos são interpretações possíveis dentro de uma construção quantitativa, ou seja, o referente de *en* será sempre um quantitativo e a leitura enquanto parte de outra quantidade é dada pelo contexto e não pela estrutura.

Isso significa que em (38a)<sup>11</sup>, por exemplo, podemos interpretar que os leões mortos na quarta-feira foram capturados no mesmo dia, ou que fazem parte do grupo dos leões capturados na terça-feira. Se a ambiguidade é estrutural, apenas essas duas leituras seriam possíveis, mas o contexto poderia nos dar ainda a informação em (38b) nos levando a uma terceira interpretação: a de que dentro grupo de cinco leões mortos na quarta-feira, uma parte foi capturada no mesmo dia e outra parte foi capturada na terça-feira (três deles). Nesse caso, *en* não substituiria um quantitativo ou um partitivo, mas os dois ao mesmo tempo.

- (38) a. Ils ont attrapé dix lions mardi; mercredi ils en ont tué cinq.  
 eles tem capturado dez leões terça-feira; quarta-feira eles *en* tem matado cinco.  
 ‘Eles capturaram dez leões terça-feira; quarta-feira eles mataram cinco.’
- b. dont trois avaient été attrapés mardi.  
 cujo três tinham sido capturados terça-feira.  
 ‘três dos quais tinham sido capturados terça-feira.’

Até aqui, no que se refere à pronominalização em *en*, a distinção entre os referentes partitivos e quantitativos não parece relevante.

---

<sup>11</sup> A autora atribui o exemplo a Milner (1978, p. 52) que, por sua vez, o atribui a Jean-Roger Vergnaud.

No entanto, Hulk (1983) propõe que a localização das categorias vazias deixadas após a extração do pronome é diferente em cada caso. Para o *en* quantitativo, a categoria vazia não estaria numa projeção máxima, mas no núcleo X ou na projeção intermediária X'. Assim, (39) pode ser identificada em (41b), enquanto (40) teria seu equivalente em (41c) e (41d):



(41) a. Je veux une belle pomme.

eu quero uma bela maçã

‘Eu quero uma maçã bonita.’

b. J' en<sub>i</sub> veux NP[une ø<sub>i</sub>]

eu *en* quero uma

‘Eu quero uma.’

c. J' en<sub>i</sub> veux NP[une ø<sub>i</sub> belle]

eu *en* quero uma bonita

‘Eu quero uma bonita.’

d. J' en<sub>i</sub> veux NP[une ø<sub>i</sub> qui soit belle]

eu *en* quero uma que seja bonita

‘Eu quero uma que seja bonita’

Para o *en* partitivo, seu referente deve ser uma categoria máxima. Porém, o pronome poderá substituir o núcleo N que apresenta um AP ou um CP complemento:

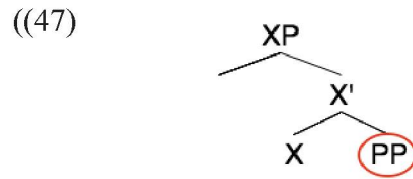


Para (42) e (43), teríamos os seguintes exemplos, respectivamente:

- (44) a. J' ai du vin / des gâteaux.  
 eu tenho de+o vinho / uns bolos  
 'Eu tenho vinho/bolos.'
- b. J' en ai.  
 eu *en* tenho  
 'Eu tenho.'
- c. \*J' en ai des.  
 eu *en* tenho uns
- (45) J' en ai des gros et des petits.  
 eu *en* tenho de+os grandes e de+os pequenos  
 'Eu tenho dos grandes e dos pequenos.'

Assim, o pronome *en*, quando extraído a partir de um partitivo ou quantitativo, se diferiria dos demais casos vistos anteriormente, que têm sua fonte em um PP complemento e não permitem que somente uma parte da estrutura seja pronominalizada. Em (46) a preposição *de* é selecionada pelo nome *besoin* 'necessidade' e não indica uma leitura partitiva ou quantitativa do complemento, *du vin* 'do vinho', tratando-se de todo o vinho que está na mesa. Desse modo, somente a pronominalização de todo o PP será possível, como em (46b). Em (46c), a sentença é agramatical porque esse contexto não autoriza a extração de somente uma parte do PP.

- (46) a. J' ai besoin PP[du vin qui est sur la table]  
 eu tenho necessidade de+o vinho que é sobre a mesa  
 'Eu preciso [do vinho que está na mesa]'
- b. J' en<sub>i</sub> ai besoin PP[Ø<sub>i</sub>]  
 eu *en* tenho necessidade  
 'Eu preciso dele.'
- c. \*J' en<sub>i</sub> ai besoin PP[Ø<sub>i</sub> qui est sur la table]  
 eu *en* tenho necessidade que é sobre a mesa



Apresentamos até aqui, de forma geral, as propriedades de *en* dentro de sintagmas verbais, adjetivais ou nominais. Na seção seguinte, veremos que a extração de *en* poderá adotar critérios não só sintáticos mas também semânticos, a saber, o traço [ $\pm$  animado] do referente.

#### 2.4 REFERENTES ANIMADOS E INANIMADOS

Em alguns casos, o pronome *en* concorrerá com possessivos, como *sa / son*, ou PPs com pronomes tônicos, como *de lui / d'elle*. Segundo Pinchon e Wagner (1991), “dizemos habitualmente que, nesse caso, o pronome tônico [*lui, elle*] evoca uma pessoa, o pronome *en* evoca uma coisa<sup>12</sup>” (p. 192):

(48) Nous parlons de lui. (= de Pierre)  
 nós falamos de ele (= de Pierre)  
 ‘Nós falamos dele. (=de Pierre)’

(49) Nous en parlons. (= de ce problème)  
 nós *en* falamos (= de esse problema)  
 ‘Nós falamos disso. (= desse problema)’

Historicamente, *en* poderia ter referentes tanto animados quanto inanimados, como podemos ver nos exemplos estudados por Ben Arbia (2016, p. 103) que datam do século XVII:

(50) Si je vous dois respect<sub>i</sub>, ou si vous m' en<sub>i</sub> devez.  
 se eu vos devo respeito ou se vós me *en* deveis  
 ‘Se eu vos devo respeito, ou se vós me deveis’

<sup>12</sup> “On dit habituellement que, dans cet emploi, le pronom personnel renvoie à une personne, le pronom *en* à une chose.”



- (51) Instruisez mieux le Prince<sub>i</sub> votre fils, [...] ce désordre est mal dans une âme si rare: j' en<sub>i</sub> ai pitié.  
 instruí melhor o príncipe vosso filho [...] esse desordem é mal em uma alma tão rara: eu *en* tenho pena.  
 ‘Instruí melhor o Príncipe vosso filho<sub>i</sub>, [...] essa desordem é ruim em uma alma tão rara: tenho pena dele<sub>i</sub>’

(Corneille, P. (1682). *Nicomède*)

De acordo com Pinchon (1972), é a partir desse período que os gramáticos estabeleceram que *en* teria como referente coisas e animais e não pessoas. Há divergências, no entanto, entre pesquisadores e entre falantes, sobre a validade dessa restrição.

De maneira geral, um complemento de adjetivo, verbo ou nome com traço [+animado] não será facilmente aceito por um falante quando pronominalizado em *en*. Assim, quanto ao complemento do adjetivo *fier* em (52a), o pronome se refere ao resultado da ação de Marie, e não a ela própria, como em (52b). Para se referir a Marie, a sentença (52c), com o pronome tônico *elle*, seria utilizada.

- (52) a. Marie a réussi le concours. J' en suis fier. (= de la réussite de Marie)  
 Marie tem conseguido o concurso eu *en* sou orgulhoso (= de a sucesso de Marie)  
 ‘Marie passou no concurso. Eu estou orgulhoso (disso). (=do sucesso de Marie)’
- b. J' en suis fier. (= \*de Marie)  
 eu *en* sou orgulhoso (= de Marie)
- c. Je suis fier d'elle. (= de Marie)  
 eu sou orgulhoso de ela (= de Marie)  
 ‘Eu estou orgulhoso dela. (= de Marie)’

Do mesmo modo, em (53a), o complemento do verbo *se souvenir* também só poderá ser pronominalizado no caso de um inanimado, e a sentença será considerada agramatical se o referente tiver um traço [+animado], como em (53b), mas será gramatical com o pronome

tônico, como em (53c). A mesma distinção é notada no caso de complementos nominais, em (54a) e (54b).

- (53) a. Je m' en souviens. (= de cette histoire)  
 eu me *en* lembro (= de essa historia)  
 'Eu me lembro (disso). (= dessa história)'
- b. Je m' en souviens. (= \*de Marie)  
 eu me en lembro (= de Marie)
- c. Je me souviens d' elle. (= de Marie)  
 eu me lembro de ela (= de Marie)  
 'Eu me lembro dela. (= de Marie)'
- (54) a. L' arrivée en est attendue. (= de la lettre)  
 a chegada *en* é esperada (= de a carta)  
 'A chegada (dela) é esperada. (= da carta)'
- b. L' arrivée en est attendue. (= \*de Marie)  
 a chegada *en* é esperada (= de Marie)'
- c. Son arrivée est attendue. (= de Marie)  
 seu chegada é esperada (= de Marie)  
 'Sua chegada é esperada. (= de Marie)'

A alternativa considerada mais natural para um referente animado é a de manter a preposição *de* e substituir somente o NP por um pronome tônico, como *elle* em (52c) e (53c), ou a extração através de um possessivo, no caso de um NP, em (54c).

Tanto a gramática tradicional quanto os manuais de FLE apontam para uma tendência à rejeição de um referente animado de *en*, como descrito acima. Porém, os falantes consultados aceitam sem problemas a extração através de *en* de um referente animado para o complemento do verbo *s'occuper* 'cuidar' em (55)<sup>13</sup> ou do nome *souvenir* 'lembrança' em (56). Referentes animados representados pela atividade que desempenham, como *président* 'presidente' em (57), ou enquanto um grupo, como *foule* 'multidão' em (58), também tendem a ser mais aceitos.

---

<sup>13</sup> Os dados em (55)-(60) foram obtidos de falantes nativos.

- (55) a. Je m' en occupe (= de cette tâche)  
 eu me *en* ocupo (= de essa tarefa)  
 'Eu cuido disso (= dessa tarefa)'
- b. Je m' en occupe (= de ma soeur)  
 eu me *en* ocupo (= de minha irmã)  
 'Eu cuido dela (= da minha irmã)'
- c. Je m' occupe d' elle (= de ma soeur)  
 eu me ocupo de ela (= de essa tarefa)  
 'Eu cuido dela (= da minha irmã)'
- (56) J' en ai un très bon souvenir (= de Marie)  
 eu *en* tenho um muito bom lembrança (= de marie)  
 'Eu tenho uma lembrança muito boa dela (dela) (=de Marie)'
- (57) Nous en attendons l' arrivée (= du président)  
 nós *en* esperamos a chegada (= de+o presidente)  
 'Nós esperamos a chegada dele. (do presidente)'
- (58) L' arrivée en est imminente. (= de la foule)  
 a chegada *en* est imminente (= de a multidão)  
 'A chegada (dela) é imminente. (= da multidão)'

Com relação ao traço [+/- humano], também não há um consenso sobre a possibilidade do clítico se referir a um animal<sup>14</sup>. O nome derivado do verbo inergativo *hurler* 'uivar', em (59), terá seu genitivo pronominalizado em *en* sem maiores problemas. Já a extração do argumento com o traço [-humano], a partir do inacusativo *départ* 'partida', causará estranhamento no singular, mas poderá ser aceito no plural, como em (60):

---

<sup>14</sup> Considerando também que, em alguns casos, animais aparecem de forma personificada e poderão sofrer a mesma restrição de pronominalização em *en*. Assim sendo, não trataremos aqui de traços [+/- humano], mas somente [+/- animado].

- (59) J' en entends les hurlements (= de ce loup)  
 eu *en* ouço os uivos (= de esse lobo)  
 'Eu ouço os uivos (dele). (=desse lobo)'
- (60) J' en ai vu le départ (= \*de l'éléphant / des éléphants)  
 eu *en* tenho visto o partida (= de o elefante / de+os elefantes)  
 'Eu vi a partida (deles) (= \*do elefante / dos elefantes)'

Entre os linguistas, também não há uma opinião homogênea sobre o assunto. Jamet (2007) afirma que “a distinção não é mais tão rígida”<sup>15</sup> (p. 102) e Ruwet (1990) explica que alguns informantes podem aceitar tanto referentes animados quanto inanimados e que, nestes casos, “entram em jogo a semântica e a gramática do discurso”<sup>16</sup> (p. 54). Para Lamiroy (1991), ao analisar as relações de C-Comando dos referentes de *en*, e Kupferman (1991, 2004), do qual trataremos com mais detalhes no capítulo sobre *en* genitivo, a animacidade do referente do clítico não parece ser relevante nos exemplos que apresentam em suas análises. Ainda quanto ao *en* genitivo, Milner (1978, p. 49) usa o termo “purista” para se referir aos que consideram esse traço relevante, ao passo que Boivin (1999) afirma que em seu “dialeto”<sup>17</sup> a restrição quanto à animacidade de um *en* genitivo é totalmente operativa [...]. O complemento genitivo animado não pode ser retomado pelo *en* genitivo<sup>18</sup> (p. 17).

Finalmente, para o *en* partitivo ou quantitativo essa distinção não é relevante. Podemos encontrar facilmente referentes animados e inanimados, tanto em registros falados, como em (61) e (62), quanto em registros escritos, como em (63) e (64).

- (61) y a plusieurs écoles à Lausanne y en a trois  
 lá tem várias escolas em lausanne lá *en* tem três  
 'tem várias escolas em Lausanne tem três'

<sup>15</sup> “La distinction n'est plus si rigide.”

<sup>16</sup> “La sémantique et la grammaire du discours entrent en jeu.”

<sup>17</sup> A autora é canadense.

<sup>18</sup> “In my dialect the animacy restriction on G-en is fully operative [...]. The animate genitive complement cannot be resumed by G-en.”

- (62) y a aussi euh des gens qui sont pas forts en orthographe et [...] y  
 en a qui sont pas f/ pas doués en math  
 lá tem também eh umas gentes que são não fortes em ortografia e [...] lá  
*en* tem quem são não f/ não dotados em matemática  
 ‘tem também eh gente que não é boa em ortografia e [...] tem gente que não é f/  
 inteligente em matemática’

(corpus OFROM, 2012-2017)

- (63) Ce sont des chaussures vernies, très simples [...]. Elle s’assoit et  
 commence à en nettoyer une.  
 Esse são umas sapatos verniz muito simples [...] ela se senta e  
 começa a *en* limpar uma  
 ‘São sapatos em verniz, muito simples [...]. Ele se senta e começa a limpar um.’

- (64) Les hommes, il y en a, mais plus près des bancs du square.  
 os homens EXPL lá *en* tem mas mais perto de+os bancos de+o parquinho  
 ‘Homens, tem, mas mais perto dos bancos do parquinho’

(Chanson Douce, Leila Slimani, 2016)

Vemos, portanto, que partitivos e quantitativos não sofrem restrições quanto à pronominalização em *en*, no que diz respeito ao traço [+/- animado]. Para complementos de nomes em geral, de verbos e de adjetivos, o clítico selecionará preferencialmente referentes [-animados], ainda que este critério não seja uma regra totalmente estrita nem para os falantes, nem para linguistas.

De modo geral, os textos que servem de base para este trabalho (MILNER, 1982; KUPFERMAN 1991, 2004) não consideram relevante a distinção entre referentes animados e inanimados de *en* em seus exemplos. No entanto, esse traço pareceu ter um peso importante entre os falantes consultados informalmente ao longo da pesquisa. Por isso, julgamos que a questão mereça alguma atenção em trabalhos futuros, através da realização de testes com um número maior de indivíduos e/ou na coleta de exemplos a partir de um corpus baseado na produção espontânea de falantes. Será importante considerar, por exemplo, a concorrência entre o pronome *en* e pronomes possessivos em alguns contextos (cf. discussão no capítulo 4), para verificar se a rejeição à pronominalização em *en* não seria resultado de uma preferência no uso

do pronome possessivo, e não necessariamente resultado da impossibilidade total de extração em *en*.

Fizemos, neste capítulo, uma descrição bastante restrita do comportamento de *en* nos seus diferentes contextos, descritos brevemente na tabela abaixo:

	<b>Extração em <i>en</i>: regra geral</b>	<b>Observações</b>
<i>VP</i>	Substitui um sintagma preposicional introduzido por <i>de</i>	-
<i>AP</i>	Substitui um sintagma preposicional introduzido por <i>de</i>	- é necessário tratar-se de uma small clause - núcleo V deve ser um verbo inacusativo - c.f ex.: (23, 24)
<i>NP</i>	Substitui um sintagma preposicional introduzido por <i>de</i>	- deve ser argumento do núcleo (26, 27) - está sujeito a uma hierarquia (28, 29) - pode se realizar no grupo nominal sujeito em construções com verbos inacusativos (31)
<i>Quant./ Part.</i>	Substitui elementos que denotam quantidade ou um nome de valor numeral ou quantitativo	- Preposição <i>de</i> implícita em quantitativos (32) - permitem que apenas uma parte da estrutura seja extraída (46)
<i>Ref. [+animado]</i>	Extração possível em estruturas partitivas e quantitativas	- Alguns contextos tendem a aceitar referentes animados (55) - Mais aceitos quando o referente animado é representado pela atividade que desempenha (57, 58) - Possível diferença entre os traços [+/- humano] (59, 60)

*Tabela 1 Propriedades gerais da extração em en*

Assim, vimos que o pronome está diretamente ligado à preposição *de* dentro de um VP, um AP ou um NP, mesmo que às vezes essa preposição esteja implícita e não seja realizada. Notamos, também, que para que um PP em *de* seja extraído em *en* é necessário que atenda a critérios sintáticos. Por exemplo, em um AP, o adjetivo deve ter função de predicado e a sentença na qual ele está inserido deve ser nucleada por um verbo inacusativo; em um NP, é necessário que seja argumento do nome; em NPs quantitativos e partitivos, o clítico *en* pode ter como referente o N núcleo, a categoria intermediária N', ou todo o NP. Por fim, observamos

que o traço [+animado] do referente se apresenta como uma restrição à extração em *en*, ainda que não esteja claro em quais contextos exatamente essa restrição se manifesta.

Como já dissemos, os trabalhos sobre o pronome *en* são abundantes, tamanha é a sua complexidade, sobretudo acerca das extrações de dentro de um NP. Neste estudo, interessa-nos as propriedades e restrições do *en* genitivo em NPs que contém um nome núcleo concreto ou deverbal. A fim de melhor compreender as funções e interpretações dos constituintes de um NP, buscaremos, no próximo capítulo, apresentar de maneira detalhada a preposição *de* dentro do NP, seguida das propriedades argumentais e aspectuais de nomes deverbais.

### 3 PROPRIEDADES GERAIS DO NP

Para uma melhor descrição das propriedades específicas da extração de *en* de dentro do grupo nominal, é necessário entender as relações que ocorrem entre o nome núcleo e seus constituintes. Este trabalho focaliza, sobretudo, os PPs realizados pela preposição *de*, que, como sabemos, está diretamente ligada ao pronome *en*. Porém, argumentos e adjuntos do nome núcleo podem se realizar igualmente através de outras preposições. Em relação aos nomes derivados de verbos, a seleção dessas preposições acontece de acordo com a sua leitura aspectual. Assim, na seção 3.1, faremos uma descrição geral da preposição *de*. Em seguida, na seção 3.2, há uma breve introdução à noção de aspecto. Na seção 3.3, trataremos da seleção argumental dos nomes deverbais, bem como de suas características aspectuais e da distribuição dos PPs em *de* e *por*.

#### 3.1 A PREPOSIÇÃO *DE*

Como visto nos exemplos anteriores, a preposição *de* tem a função de associar elementos dentro de um grupo verbal, nominal e adjetival e é, segundo Vaguer (2008), a preposição de maior ocorrência na língua francesa. A autora repertoriou as preposições utilizadas em dois *corpora* escritos, que compreendiam notícias na imprensa sobre atualidades. Reproduzimos abaixo os primeiros itens listados pela autora:

<b>Preposição Simples</b>	<b>Corpus GEOPO</b>	<b>Corpus FRANTEXT</b>
<i>De</i>	14 327	23 205
<i>À</i>	5 421	11 438
<i>En</i>	4 277	6941
<i>Dans</i>	2 280	5 484
<i>Pour</i>	1 777	3 853
<i>Sur</i>	1 689	3 116
<i>Par</i>	1 958	2 114

Tabela 2 Número de ocorrências das preposições simples do francês

(VAGUER, 2008, p. 22 *adaptado*)



Ainda que esses dados não especifiquem em que circunstâncias cada preposição ocorre, podemos ter uma ideia da distância entre *de* e as demais preposições, inclusive de *à*, imediatamente depois de *de*<sup>19</sup>.

Em geral, a preposição *de* é apresentada como uma evolução do caso genitivo do latim, responsável por marcar relações de posse, sendo “adjunto ou complementos de especificação [...] e responde à pergunta *de quem? De que?*” (RAVIZZA, 1940, p. 18). Porém, a correspondência entre o genitivo latino e os empregos de *de* não é tão sistemática:

se para um grande número de casos é correto afirmar que o genitivo latino se traduz por um sintagma introduzido por *de* em francês, é incorreto considerar que *de* retoma sistematicamente uma construção latina no genitivo. (ENGLEBERT, 1987, p. 30)<sup>20</sup>

Em outras palavras, o que é conhecido como um genitivo do latim é representado pela preposição *de* no francês, mas nem toda preposição *de* é uma representação do genitivo latino.

Com a distância entre o latim clássico (literário) e o vulgar (falado), bem como as transformações sofridas pela língua com o passar dos anos, as preposições acabaram substituindo os casos morfológicos:

o emprego das preposições se tornava uma necessidade quando a confusão das desinências, pela perda das consoantes finais e pelo enfraquecimento do timbre vocálico, trazia maior obscuridade à frase (MAURER JR, 1959; apud FARENZENA & DALPIAN, 2008, p. 197)

A preposição *de* que conhecemos hoje, além do caso genitivo, também desempenha funções que antes eram do caso ablativo. Essencialmente adverbial, o ablativo indicava a causa ou o agente de uma passiva, podendo responder às perguntas *por quem? Por que?* como seu equivalente em português em (65). Ainda, marcava outros adjuntos hoje introduzidos por *de*, como em (66) e (67), expressando origem e atributo, respectivamente (RAVIZZA, 1940, p. 19):

(65) A terra é iluminada *pele sol*.

(66) Marco Túlio Cícero nasceu *de família equestre*.

---

<sup>19</sup> *De* e *à* podem, inclusive, concorrer em alguns contextos. Para mais informações sobre as concorrências e substituições entre as duas preposições, ver Batzeev, Shyldkrot e Kemmer (1995) e Marque-Pucheu (1996, 2008).

<sup>20</sup> “Ainsi, si pour le plus grand nombre des cas il était juste de dire que le génitif latin se traduit par un syntagme introduit par *de* en français, il serait faux de considérer que *de* remonte aussi systématiquement à une construction latine au génitif.”

(67) Teu pai é homem *de grande constância*.

Além disso, um *de* já existia no latim, proveniente do indo-europeu, aparecendo também “em expressões cuja noção era de ponto de partida ou inicial, depois acabou por ficar sem função semântica específica” (FARENZENA & DALPIAN, 2008, p. 197).

Uma descrição detalhada das transformações ocorridas desde o indo-europeu e o latim até os usos de *de* que conhecemos hoje foge do escopo deste trabalho. Mas os pontos levantados até aqui dão uma noção da complexidade em categorizar todas as funções desempenhadas pela preposição, o que justifica o grande número de estudos acerca dela. Veremos a seguir alguns exemplos de tentativas de categorização semântica e sintática das representações de *de*.

A tipologia mais básica dos sentidos de *de* provém de uma única interpretação: a de origem. Por exemplo, Silveira (1951), baseado em Leoni (1858), sugere que todas as interpretações de *de* partam da noção de “movimento de um ponto de partida” (p. 14):

da ideia de movimento de um ponto de partida nasce também a *de* – *lugar e parte donde* – e a *de* – *origem e princípio donde alguma coisa vem, ou procede*. – Dessa última ideia se desprende a *de* – *causa*. – A mesma ideia de origem e princípio [...] contém a *de* – *direito e posse*, - [...] e conduz à *de* – *extração*. – A ideia da matéria de que alguma coisa foi extraída faz conceber a *de* – *qualidade* – [...] (LEONI, 1858 apud SILVEIRA, 1951, p. 14)

Bartning (1996), por sua vez, oferece uma síntese das relações dentro do grupo nominal, se concentrando em dois núcleos essenciais: a posse (grupo A) e a origem (Grupo B):

<b>A</b>	<b>ATRIBUTO</b>	<b>PARTE/TUDO</b>	<b>POSSE</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>
	La gentillesse de Jean	Le bras de Jean	La voiture de Jean	Les bibelots du salon
<b>B</b>	<b>FONTE</b>	<b>ORIGEM</b>	<b>AGENTE</b>	<b>(ICÔNICO)<sup>21</sup></b>
	L'idée de Jean	Le thé de Chine	Le livre de Sartre	(La photo de Jean)

Tabela 3 Relações da preposição de dentro do NP a partir da noção de posse e origem

(BARTNING, 1996, p 38)

Para a autora, os integrantes do grupo A teriam um comportamento sintático similar à posse, podendo ser parafraseados por construções com o verbo estativo *avoir* ‘ter’:

<sup>21</sup> A autora explica, porém, que nomes icônicos estariam na categoria B com ressalvas, já que apresenta características tanto de uma quanto da outra: um complemento interpretado como tema marcaria origem, enquanto um complemento interpretado como possuidor marcaria posse.

- (68) a. Jean a une voiture.  
       jean tem uma carro  
       ‘Jean tem um carro.’
- b. Le salon a des bibelots.  
       o sala tem uns bibelôs  
       ‘A sala tem bibelôs.’

Ainda nesta categoria, estariam incluídos os genitivos subjetivos (69), objetivos (70) e complementos de nomes expressando sentimentos (71) e classificadores (72) (BARTNING, 1996, p. 38)<sup>22</sup>:

- (69) Le ronronnement du rasoir  
       o zumbido de+o barbeador  
       ‘O zumbido do barbeador’
- (70) La connaissance du dossier  
       a conhecimento do dossiê  
       ‘O conhecimento do dossiê’
- (71) La haine des immigrés  
       a ódio de+os imigrantes  
       ‘O ódio dos imigrantes’
- (72) Le problème de l’imigration  
       o problema de a imigração  
       ‘O problema da imigração’

Já os exemplos do grupo B indicariam origem, podendo ser relacionados a verbos dinâmicos como *venir de* ‘vir de’, *faire* ‘fazer’ expressando *a origem de*:

---

<sup>22</sup> Aqui a autora parece tratar (69) e (70) como genitivos e os demais como categoria diferente. No entanto, neste trabalho, essa distinção não será pertinente.

- (73) a. Le thé vient de Chine.  
           o chá vem de China  
           ‘O chá vem da China.’
- b. Sartre a fait le livre.  
           sartre tem feito o livro  
           ‘Sartre fez o livro.’

No entanto, a autora explica que essas categorias não são engessadas e não dão conta de um *de* discursivo, cuja interpretação depende do contexto ou de conhecimentos extralinguísticos. Em (74), *celui de la main, celui du voyage* retomam elementos que vão além das informações contidas dentro do NP, onde “o homem é identificado [...] por uma viagem em que este mesmo homem colocou a mão no joelho da menina<sup>23</sup>” (BARTNING, 1996, p. 30), ou seja, por fatos que foram narrados páginas antes do trecho citado:

- (74) Et puis à le voir, lui, l’homme de la Mandchourie endormi ou mort.  
       *Celui de la main, celui du voyage.*  
       e então a o ver, ele, o homem de a manchúria adormecido ou morto  
       aquele de a mão, aquele de+o viagem  
       ‘E então ao vê-lo, ele, o homem da Manchúria adormecido ou morto. *O da mão, o da viagem.*’

(Duras, L’amant II, p. 59)

Porém, grande parte dos estudos aponta para as diferenças entre um *de* funcional ou casual<sup>24</sup>, ou seja, sem valor semântico e usado somente para ligar elementos dentro de um sintagma, e um *de* preposicional, que seria uma verdadeira preposição, com valor semântico. Os nomes concretos, por exemplo, podem realizar seus argumentos *tema, agente e/ou possuidor* introduzidos pela preposição *de*. Em alguns casos a interpretação será ambígua como em (75), onde Jean pode ser o tema, representado no retrato, o agente, que fez o retrato ou o possuidor, a quem pertence o retrato:

<sup>23</sup> “L’homme est identifié [...] par un voyage au cours duquel le même homme a posé sa main sur le genou de la jeune fille” (p. 30)

<sup>24</sup> Muitos nomes foram dados na literatura ao *de* casual, como *preposição incolor, vazia* ou ainda *abstrata*. As preposições *de* e *à*, do francês, são os exemplos mais típicos dessa categoria (E. SPANG-HANSEN, 1963; VANDELOISE, 1993 apud CADIOT, 1997).

- (75) Le portrait de Jean.  
 o retrato de Jean  
 ‘O retrato de Jean.’

Nesse caso, a preposição *de* é obrigatória quando o item expressa um possuidor, todavia, em francês, o agente poderá também ser introduzido por *par* ‘por’ e o tema por *sur* ‘sobre’, como em (76) e (77):

- (76) J’ ai accroché au mur un portrait par moi de mon fils.  
 eu tenho pendurado ao parede um retrato por mim de meu filho  
 ‘Eu pendurei um retrato feito por mim do meu filho.’

- (77) Les livres sur Paris sont rares.  
 os livros sobre Paris são raros  
 ‘Os livros sobre Paris são raros.’ (MILNER, 1982, p. 87-89)

Para *agente* e *tema*, *de* é uma verdadeira preposição, assim como *par* e *sur*, enquanto que o *de* do possuidor seria uma preposição casual.

Entretanto, Englebert (1993) acredita que as diferenças entre a preposição *de* teriam não somente as apelações “casual” e “preposicional”, mas também nuances de cada categoria, podendo ter características tanto de uma quanto da outra, em maior ou menor proporção. A autora explica que o *de* preposicional tem um conceito de *determinação*, num sentido espacial: *de-terminar*, onde *de* = a partir de, e *terminação* = limitar. Esse *de* com leitura semântica indica a origem e a posição atual do objeto ou da ação. Já o *de* casual carrega o conceito de *identificação*, ou seja, “atribuição a um elemento 1 qualidades de um elemento 2 (introduzido por *de*), conservando em 1 suas qualidades próprias”<sup>25</sup> (1993, p. 129). Sintaticamente, a categoria *determinante* tem um status de *preposição*, enquanto que a categoria *identificador* tem uma leitura de *complementizador*:

---

<sup>25</sup> “Attribution à un élément 1 des qualités d'un élément 2 (celui introduit par DE) tout en conservant à 1 ses qualités propres”.

determinante ++	determinante +	determinante = identificador	identificador +	identificador ++
(I) origem	(II) localização	(III) circunstância	(IV) atributo	(V) comparação
preposição	preposição	preposição/Complementizador	complementizador	complementizador

Tabela 4 Nuances na interpretação de *de*: de determinação a identificação

(ENGLEBERT, 1993, p. 138)

A primeira categoria, predominantemente *determinante*, é o *de* com valor de origem (78), incluindo a noção de partitivo em (78b):

- (78) a. Le voyage *de* la Terre à la Lune  
o viagem de a terra a a lua  
‘A viagem *da* Terra à lua.’
- b. Si vous avez besoin d’un de mes hommes ou de plusieurs d’entre eux.  
se vós tendes necessidade de um de meus homens ou de vários de entre eles  
‘Se precisar(em) de um de meus homens ou de vários deles.’

A segunda categoria daria conta de *de* com valor locativo, expressando uma posição atual (79a-c) ou uma relação parte-todo (79d):

- (79) a. Le pont de Tancarville.  
o ponte de tancarville  
‘A ponte de Tancarville.’
- b. Le train de Lille.<sup>26</sup>  
o trem de lille  
‘O trem de Lille.’
- c. Le Paris de mon arrivée.  
o paris de meu chegada  
‘A Paris da minha chegada.’

<sup>26</sup> Englebert aponta para a ambiguidade de (79b). O trem de Lille pode ser o que está em Lille, vai à Lille, vem de Lille ou pertence à Lille. Somente a primeira leitura pertence à categoria (II) (1993, p. 130).

d. Les roues de la bicyclette.

as rodas de a bicicleta

‘As rodas da bicicleta.’

A categoria (III) contempla os adjuntos e pode ter características tanto de (I) e (II), quanto de (IV) e (V). Desse modo, em (80) temos a origem, em (81) uma localização temporal, em (82) um atributo e em (83) uma comparação (que explicaremos a seguir). Porém, (III) é comumente representada pela construção “verbo+*de*+nome”, como o partitivo em (84). Nesses casos, Englebert explica que as relações são mais frouxas e que “*de* reduz seu valor semântico em benefício do seu valor funcional<sup>27</sup>” (1993, p. 131), havendo um equilíbrio entre esses dois valores.

(80) Je voudrais faire une cascade chaude DE mes bras.

eu queria fazer uma cascada quente de meus braços

‘Eu gostaria de fazer uma cascada quente de meus braços.’

(Schéhadé, *Soirée de proverbes*, p. 253)

(81) Et que me veut la reine DE si grand matin?

e que me quer a rainha de tão grande manhã?

‘E o que a rainha quer de mim tão cedo?’

(Dumas, *Ange-Pitou*, p. 1264)

(82) Il est roux DE poil et bleu D’oeil.

ele é ruivo de pelo e azul de olho

‘Ele é ruivo dos pelos e azul dos olhos.’

(Giono, *Colline*, p. 21)

---

<sup>27</sup> “DE s’estompe au bénéfice de sa valeur fonctionnelle”.

- (83) Jaques le bavard ne demandera pas mieux que DE reprendre son rôle et que DE lui fermer la porte au nez.

jaques o prolixo não pedirá melhor que DE retomar seu papel e que DE lhe fechar a porta a+o nariz

‘Jaques o prolixo não pediria mais do que retomar seu papel e de fechar a porta na cara dele.’

(Diderot, *Jaques le fataliste*, p. 149)

- (84) Le vent prend DE la gueule.

o vento toma de a cara

‘O vento está ficando forte’

(Giono, *Colline*, p. 28)

Na categoria (IV), *de* perde suas funções semânticas e tem papel de introduzir um atributo do nome, como complementos adjetivais (85) ou construções infinitivas (86), insultos (87) ou complementos de nomes expressando quantidades (88).

- (85) a. Elle avait quelque chose *de* délicat.

ela tinha algum coisa de delicado

‘Ela tinha alguma coisa *de* delicado.’

- (86) J’ai l’impression *de* me fleurir de moitié.

eu tenho a impressão de me florir de metade

‘Tenho a impressão *de* me florir pela metade.’

- (87) Il y a un imprudente *de* pédiatre qui eut bien tort de nous déconseiller le B.C.G.

EXPL lá tem um imprudente de pediatra que teve bem distorcido de nos desaconselhar o B.C.G.

‘Tem um pediatra imprudente que errou de nos desaconselhar a B.C.G.’

- (88) Une vingtaine *de* personnes.

uma vintena de pessoas.

‘Cerca de vinte pessoas.’



Ainda que o *de* dos exemplos acima seja chamado de preposição pela gramática tradicional, para Huot (1981 apud ENGLEBERT, 1993) trata-se de um *complementizador*, em que (85) poderia ser parafraseado por (89). Porém a autora explica que essa interpretação deve ser adotada com ressalvas, já que nem sempre a transformação seria possível.

- (89) Elle avait quelque chose qui était délicate  
 ela tinha algum coisa que era delicada  
 ‘Ela tinha alguma coisa que era delicada.’

Por fim, a categoria (V) trata das construções comparativas, onde *de* seria combinado a *que*, como em (90), ou parafraseado por *que*, em (91), ganhando também o status de *complementizador*.

- (90) C’ était nous réduire au rang de chien *que de* coller son oeil au trou de la serrure.  
 isto era nos reduzir a+o categoria de cachorro que de colar seu olho a+o buraco de a fechadura  
 ‘Era nos reduzir à categoria de cachorro do que colar o olho no buraco da fechadura.’

- (91) Ça ne coûte pas plus de dix francs<sup>28</sup>.  
 isso NEG custa NEG mais de dez francos  
 ‘Isso não custa mais de dez francos.’

As tipologias aqui apresentadas a título de exemplo estão longe de serem absolutas e demonstram a complexidade em se entender as múltiplas interpretações de *de*. Ainda que a discussão comporte muitos contextos de sua ocorrência, demos aqui preferência às descrições acerca do grupo nominal, porque é o contexto que nos importa diretamente na nossa descrição do pronome *en*. Como vimos no início desse capítulo, *de* é a preposição mais recorrente em PPs na língua francesa (cf. tabela 2) e desempenha funções que nem sempre são explícitas. Os contextos que nos interessam neste trabalho são, por um lado, aqueles em que *de* introduz um

---

<sup>28</sup> Englebert (1993, p. 134) explica que existe uma interpretação não equivalente à transformação em *que*, com uma leitura partitiva.

possuidor, um agente e um tema para nomes concretos (como veremos na seção 4.2) e, por outro, aqueles em que a preposição introduz um genitivo subjetivo e um genitivo objetivo, ou seja, argumentos externo e interno de nomes deverbais, respectivamente (tratados nas seções 4.3 e 4.4).

### 3.2 ASPECTO VERBAL

Como veremos no capítulo 4, nas análises de nomes deverbais, a seleção da preposição que encabeça o PP argumento e adjunto depende da leitura aspectual do NP. Nesta seção, com vistas a embasar a análise dos nomes deverbais, traremos algumas noções gerais sobre aspecto, que, segundo Bertucci (2016), “é uma forma de se expressar a temporalidade dos eventos, além da noção mais simples de presente, passado e futuro” (p. 71).

Os estudos sobre aspecto verbal são, em grande maioria, baseados nas quatro classes aspectuais de Vendler (1957):

- Estados (*amar, saber, ter, pertencer*)
- Atividades (*correr, andar, dançar*)
- Accomplishments (*construir, destruir*)
- Achievements (*morrer, encontrar, chegar*)

Essas classes se diferenciam pelas propriedades [ $\pm$ fases] e [ $\pm$ télico], respectivamente “ter fases sucessivas e ter um ponto final intrínseco” (BERTUCCI, 2011, p. 40):

	[ $\pm$ fases]	[ $\pm$ télico]
Estado	-	-
Atividade	+	-
<i>Accomplishment</i>	+	+
<i>Achievement</i>	-	+

*Tabela 5 Propriedades das classes aspectuais de Vendler*

(Ibid., p.56)

A classe dos estados compreende os eventos uniformes, ou seja, que não apresentam fases, progressões, estado inicial ou final, e não denotam mudança de estado. Alguns testes para

identificar as propriedades estativas de um verbo são a impossibilidade do uso do progressivo (92a), do imperativo (92b), não aceitação de expressões pontuais (92c), entre outros<sup>29</sup>:

- (92) a. \*O João está sendo alto.  
 b. \*João, seja alto!  
 c. \*João começou a ser alto.

Os verbos que denotam atividades são dinâmicos, durativos, apresentam fases, mas não atingem um ponto culminante. Nas atividades também não há progressão, ou seja, em um evento como *João corre*, “qualquer fase do evento pode ser caracterizada do mesmo modo que o evento como um todo” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 153). Um dos testes para identificar um verbo de atividade é o “paradoxo do imperfectivo” (BACH, 1986; DOWTY, 1979 apud PUSTEJOVSKY, 1991), considerando a possibilidade de acarretamento a partir da ação no progressivo:

- (93) a. João está correndo. *Acarreta* João correu.  
 b. João está construindo uma casa. *Não acarreta* João construiu uma casa.

Como a atividade é homogênea, apenas pelo fato dela ter começado já acarreta que ela ocorreu, como em (93a). No entanto, em (93b), com um verbo de *accomplishment*, começar a construir algo não garante que algo seja de fato construído, como veremos a seguir.

*Accomplishments* comportam os eventos faseáveis apontando para um ponto culminante. Assim, se considerarmos que *o bombeiro desentupiu a pia*, entendemos que há um ponto de partida, um desenvolvimento da ação e que um ponto final é esperado. Alguns testes para reconhecer essa categoria são a ambiguidade causada pelo advérbio *quase* em (94) e da delimitação temporal *em X tempo* em (95) (Dowty, 1979 apud CANÇADO; AMARAL, 2016<sup>30</sup>):

- (94) a. O bombeiro quase desentupiu a pia.  
 b. O Alex quase dançou balé.  
 c. O professor quase chegou na escola.

<sup>29</sup> Cunha (1998) aponta, porém, para a existência de estados [+faseáveis], ou seja, “aqueles que podem sofrer a ‘transição’ para eventos” (p. 31).

<sup>30</sup> Exemplos de Cançado e Amaral (2016, p. 158-160).

- (95) a. \*Choveu em Manaus em três dias.  
 b. O bombeiro desentupiu a pia em 1 hora.

Em (94a) temos duas interpretações possíveis: a de que o bombeiro quase começou a ação de desentupir a pia, mas não chegou a iniciá-la, ou a de que a ação teve um início, mas a pia não foi desentupida. Essa ambiguidade não aparece nos exemplos (94b-c), já que em ambos entendemos que a ação não teve início. Em relação a (95) a preposição *em* delimita o tempo necessário para que uma tarefa seja concluída, ou seja, é necessário que o verbo denote a possibilidade de um ponto culminante na ação, sendo agramatical em (a) por ser um verbo de atividade, mas é validado em (b).

Por fim, os *achievements* compreendem verbos de ações pontuais, o final de uma ação propriamente, ou seja, não denotam eventos durativos. Um dos testes para identificar essa classe é a impossibilidade de utilização da expressão *parar de* (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 164):

- (96) a. \*O professor parou de chegar na escola.  
 b. \*O pobre homem parou de morrer.

No entanto, a leitura temporal de uma sentença não depende exclusivamente das características aspectuais do núcleo do VP. Por exemplo, o verbo de atividade *bochechar*, em (97), terá leitura de *accomplishment* provocada pelo tempo perfectivo, pelo complemento contável e pela expressão *em 5 minutos* (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 169). Já em (98), a leitura genérica e o tempo presente do verbo dão à sentença uma leitura estativa, ainda que *quebrar* seja um verbo de *accomplishment* (ibid., p. 173).

- (97) O menino bochechou uma xícara de chá de boldo em 5 minutos

- (98) Casca de ovo quebra fácil (durante o cozimento)

Na seção seguinte, veremos de que forma a noção de aspecto interfere na seleção argumental dos nomes derivados de verbos.

### 3.3 ESTRUTURA ARGUMENTAL E ASPECTO DAS NOMINALIZAÇÕES DEVERBAIS

De modo geral, os nomes deverbais carregam os argumentos e as características aspectuais dos verbos dos quais derivam.

Sabemos que verbos podem selecionar um, dois ou três argumentos, que poderão ser argumentos internos, geralmente complementos do verbo, ou externos, na maiorias das vezes o sujeito. Estes verbos, ao serem nominalizados, poderão apresentar os mesmos argumentos em sua estrutura, realizados por um PP que poderá ter como preposição *de* ‘de’, *par* ‘por’, *à* ‘a’, *pour* ‘para’, etc. Conforme discutido no capítulo 2 (seção 2.3), e como será visto mais detalhadamente no capítulo 4, os argumentos nominais realizados por um PP em *de* são denominados argumentos genitivos (subjetivo e objetivo).

Quanto às propriedades aspectuais, elas podem se manter ou se transformar no processo de nominalização. Nos casos em que essas propriedades não se mantêm, os nomes poderão sofrer variações no seu significado, bem como transformações na sua estrutura argumental, influenciando na seleção da preposição dos PPs argumentos e adjuntos. Veremos algumas dessas transformações a fim de melhor entender, no capítulo 4, as restrições acerca da extração desses constituintes. Para isso, trabalharemos a partir de duas classes, com base na classificação de Vendler (1957): verbos eventivos e estativos, pois é dessa forma que ela é tratada por Kupferman (1991), cujo estudo servirá de base para as descrições no capítulo 4.

Dividiremos essa seção em duas partes: na primeira trataremos da nominalização, da seleção argumental e da leitura aspectual dos verbos com pelo menos dois argumentos, e, na segunda, trataremos dos verbos monoargumentais.

#### 3.3.1 Verbos com mais de um argumento

##### 3.3.1.1 Seleção Argumental

Um verbo transitivo direto e indireto, como *donner* ‘dar’, seleciona três argumentos: um argumento externo e dois internos; um verbo transitivo direto, como *détruire* ‘dar’, seleciona um argumento externo e apenas um argumento interno. Os exemplos em (99) ilustram o uso do verbo *donner*, que seleciona três argumentos, e de sua nominalização *don* ‘doação’. Nota-se em (99b) que, assim como os nomes concretos, um mesmo deverbal pode ter dois constituintes em *de*, manifestando seus argumentos externo e interno, ou seja, seus genitivos subjetivo e objetivo respectivamente, como ilustrado mais detalhadamente em (99a) e (99b). Já em (99c) somente

o argumento interno é apresentado na forma de um genitivo, enquanto o argumento externo *Pierre* é introduzido pela preposição *par*, ou seja, toma a função de adjunto e sua presença na sentença torna-se facultativa.

- (99) a. Pierre donne une veste à l' association.  
 pierre doa uma casaco a a associação  
 'Pierre doa um casaco para a associação.'
- b. Le don de Pierre de la veste à l' association.  
 o doação de pierre de a casaco a a associação  
 'A doação de Pierre do casaco para a associação.'
- c. Le don par Pierre de la veste à l' association.  
 o doação por pierre de a casaco a a associação  
 'A doação por Pierre do casaco para associação.'
- (100) a. Le don [de Pierre<sup>argumento externo / genitivo subjetivo</sup>] a été apprécié.  
 o doação de pierre tem sido apreciado  
 'A doação de Pierre foi apreciada.'
- b. Le don [de la veste<sup>argumento interno / genitivo objetivo</sup>] a été apprécié.  
 o doação de a casaco tem sido apreciado  
 'A doação do casaco foi apreciada.'

A alternância entre as duas preposições ocorre pela diferença aspectual das sentenças (99b) e (99c). Em (99b), o nome *don* refere-se ao produto final do ato de doar, ao objeto doado, como em (101). Temos, nesse caso, uma leitura estativa e uma representação de *Pierre* enquanto agente/possuidor de um nome concreto.

- (101) J' ai mis le don de Pierre sur la table.  
 eu tenho colocado o doação de pierre sobre a mesa  
 'Coloquei a doação do Pierre em cima da mesa.'

Em (99c), *don* é o processo de doação desencadeado por *Pierre* de forma intencional. Nesse caso, o nome núcleo tem uma leitura eventiva e *Pierre*, sendo um sujeito que desencadeia

a ação e age com controle, com intenção, possui traço [+agentivo]. No entanto, veremos, na seção seguinte, que essa definição não é absoluta.

Já o verbo *détruire* ‘destruir’ em (102) seleciona um argumento externo e um argumento interno, que se realizam através de um adjunto e um genitivo respectivamente, e sua análise poderá ser paralela à leitura não estativa de *don*, em (99c). *Destruction*, em (102b) é um deverbal que denota uma atividade desencadeada por um agente, não podendo, como no caso de *don* em (99b), ser interpretado como um produto final do ato de destruir. *Jean*, argumento externo de *détruire*, será expresso exclusivamente pela preposição *par* (102b) e a preposição *de* introduzindo o argumento interno em (102c) tornaria a sentença agramatical. Uma diferença entre os verbos na origem dos nomes *destruction* e *traduction* ou *don* é que, no caso de *détruire*, mas não no caso de *traduire* ou *donner*, o objeto é afetado.

- (102) a. Jean détruit la voiture.  
           jean destrói a carro  
           ‘João destrói o carro’
- b. La destruction par Jean de la voiture .  
           a destruição por jean de a carro  
           ‘A destruição do carro pelo João’
- c.\* La destruction de Jean de la voiture

Essa distribuição do PP selecionado pelo nome, sendo um genitivo ou um adjunto, poderá influenciar nas restrições quanto à apresentação desses constituintes no NP. O genitivo objetivo (ou o argumento interno do verbo do qual o nome é derivado) pode ser realizado acompanhado do genitivo subjetivo, como em (99b), de um adjunto em (99c), ou isoladamente, como em (100b). O argumento externo, na forma de um genitivo subjetivo, também pode ser expresso com ou sem o genitivo objetivo, como em (99b). Por outro lado, é impossível que somente o argumento externo na forma de um adjunto seja apresentado, sem o genitivo objetivo; nesse caso, a sentença será agramatical, como em (103). Podemos, assim, inferir que a presença do PP em *par* depende da manifestação do genitivo objetivo.

- (103) \*Le don par Pierre.  
           o doação por Pierre

Notemos que os genitivos correspondem apenas aos constituintes em posições de sujeito e de objeto direto<sup>31</sup>. O objeto indireto *à l'association* em (99a), por exemplo, quando realizado na projeção nominal (99b-c), continua sendo introduzido pela preposição *à* 'a' e não poderá ser extraído sob a forma de *en*. Veremos a seguir como os diferentes tipos de seleção dentro do PP, que acabamos de expor, podem depender da leitura aspectual que o nome carrega.

### 3.3.1.2 Aspectos das nominalizações derivadas de verbos com pelo menos dois argumentos

No processo de nominalização, os nomes ganham marcas morfológicas que indicam a sua função enquanto nome. A partir do verbo *produzir*, por exemplo, é possível obter nomes com interpretação subjetiva, designando o agente ou o instrumento da ação (104a), o evento indicando um processo (104b) e o resultado desse processo (104c). Porém, a interpretação dessas funções não é tão facilmente identificável em alguns casos, já que alguns verbos podem gerar nominalizações idênticas com diferentes funções, dependendo de outros elementos de dentro do sintagma para que tenham a sua interpretação definida. As nominalizações a partir do verbo *criar*, em (105), são polissêmicas quando denotam um evento em (105b) e um resultado em (105c). A partir do verbo *governar*, o nome subjetivo, em (106a), é idêntico ao evento em (106b). Já no caso dos nomes derivados do verbo *doar*, a polissemia se produz entre um objeto concreto, em (107a), e um evento, em (107b).

- (104) a. O produtor ama o seu trabalho.  
 b. A produção dos itens pelo funcionário levou 1 hora.  
 c. O produto agradou os clientes.
- (105) a. O criador da obra estará presente.  
 b. A criação da obra pelo autor levou 2 meses.  
 c. A criação do autor ficou muito boa.
- (106) a. O governo é composto por um conselho corrupto.  
 b. O governo do Brasil pelos militares foi um caos.

---

<sup>31</sup> Kupferman (2004) explica, no entanto, que nominalizações, a partir de verbos que pedem a preposição “de”, podem ter seus argumentos pronominalizados em *en*.



- (107) a. A doação da viúva está na mesa.  
 b. A doação das roupas pela viúva será feita esta tarde.

Nomes com leitura subjetiva, como em (104)-(107), exemplos em (a), ou denotando um objeto como em (107a) têm interpretação análoga aos dos nomes concretos (ou N objeto, cf. tabela 5) e “não tem significação aspectual. *A fortiori*, não são fiéis às propriedades aspectuais de seus correspondentes verbais”<sup>32</sup> (HAAS; HUYGHE, 2004, p. 4). Além de uma causa, um instrumento ou um objeto, entram nessa categoria nomes com “um conteúdo informacional (*afirmação*) ou ainda nomes denotando entidades desencadeando um estado psicológico (*obsessão*)”<sup>33</sup> (BALVET et al., 2011, p. 139).

Alguns nomes apresentam polissemia em maior ou menor grau, como vemos nos itens destacados na tabela<sup>34</sup> abaixo:

	<b>Verbo</b>	<b>N Subjetivo</b>	<b>N Eventivo</b>	<b>N Objeto</b>	<b>N Resultado</b>
a.	produzir	produtor	produção	<u>produto</u>	<u>produto</u>
b.	traduzir	tradutor	<u>tradução</u>	<u>tradução</u>	<u>tradução</u>
c.	analisar	analisador	<u>análise</u>	<u>análise/analisador</u>	<u>análise</u>
d.	doar	doador	<u>doação</u>	<u>doação</u>	-
e.	destruir	destruidor	destruição	-	-
f.	distribuir	distribuidor	distribuição	-	-

Tabela 6 Polissemia de nomes deverbais

Os constituintes do NP são, em regra geral, distribuídos de acordo com as propriedades que o nome núcleo carrega. Canonicamente, nomes núcleo denotando eventos realizam o argumento externo do verbo fonte em posição de adjunção e são introduzidos pela preposição *por*, e o argumento interno será um genitivo objetivo, ou seja, um PP em *de*. Isso é atestado em (104)-(107), exemplos em (b). Já em nomes núcleo que denotam objetos e resultados, os argumentos externos serão introduzidos por *de*, ou seja, serão genitivos subjetivos, como em (105c), (106a) e (107a). Essa generalização, no entanto, não é absoluta. Os estudos de Sleeman

<sup>32</sup> “n’ont pas de signification aspectuelle. A fortiori, elles ne sont pas fidèles aux propriétés aspectuelles de leurs correspondants verbaux”

<sup>33</sup> “un contenu informationnel (affirmation) ou encore des noms dénotant des entités déclenchant un état psychologique (obsession)”

<sup>34</sup> Tabela criada a partir de BARON (1994, P. 31).

e Brito (2010a, 2010b) e Brito (2012) apontam que alguns nomes “estão ‘a meio caminho’, entre evento e resultado” (2012, p. 34), ou seja, podem ter características tanto eventivas quanto resultativas, o que afetará a seleção da preposição que encabeça o PP argumento ou adjunto. Esse caráter híbrido da leitura aspectual do nome estaria relacionado à presença de traços [ $\pm$ agentivo] e [ $\pm$ resultado]:

	<b>[-resultado]</b>	<b>[+resultado]</b>
<b>[+agentivo]</b>	(A) Nomes de processo com um sintagma- <i>por</i>	(C) Nomes de resultado com um sintagma- <i>por</i>
<b>[-agentivo]</b>	(B) Nomes de processo que admitem dois genitivos em <i>de</i>	(D) Nomes de resultado com dois genitivos em <i>de</i>
<b>Não tem aspecto</b>	Nomes de objeto / entidade	

Tabela 7 Nuances na interpretação aspectual de nomes deverbais

(BRITO, 2012, p.36 adaptado)

As autoras explicam que “como resultado desses valores, o comportamento das nominalizações podem ser mais ou menos verbal”<sup>35</sup> (SELEEMAN e BRITO, 2010a, p. 125). Ou seja, nomes referentes à categoria (A), na tabela, teriam interpretação mais próxima do evento denotado pelo verbo do qual derivam e tratam-se de nomes eventivos com constituintes representados canonicamente por *de* e *por*. Nomes da categoria (D) teriam menor proximidade com o processo do verbo de origem e maior semelhança com nomes de objeto/entidade, podendo realizar seus argumentos em genitivos subjetivo e objetivo, ou seja, ambos em *de*. São essas as categorias que vimos em (104)-(107). Os nomes das categorias (B) e (C), por sua vez, teriam interpretações intermediárias, que descreveremos a seguir.

Em (108a)<sup>36</sup>, o nome *tradução* realiza seu argumento externo em *de*, ou seja, tem traço [-agente], ainda que tenha leitura eventiva provocada por *demorou dois anos*, sendo um exemplo da categoria (B).

- (108) a. A tradução da Odisseia de Frederico Lourenço demorou dois anos. (evento)  
 b. A tradução da Odisseia de Frederico Lourenço é magnífica. (resultado)  
 c. A tradução de Homero que está em cima da mesa é excelente. (objeto)

<sup>35</sup> “As a result of these values, the nominalizations behave as more or less verbal.”

<sup>36</sup> Os exemplos em (108) foram retirados de Sleeman e Brito (2017, p. 4, exemplos (21-23))

As autoras explicam que isso é possível porque

nomes [que] expressam representações [*tradução, performance, discussão*], [...] se aproximam de nomes icônicos. Denotando uma representação, eles podem se referir tanto ao autor/origem real (o nome próprio *Homero* em (23) [108c]) quanto ao autor da representação [*Frederico Lourenço* em (07a-b)]<sup>37</sup> (2010b, p. 4).

Ou seja, o argumento externo de *Frederico Lourenço* estaria mais próximo de ser um genitivo agente de um nome concreto (cf. capítulo 4, seção 4.2 – sobre nomes concretos) do que o agente do evento *traduzir*.

Em (109a) temos um exemplo da categoria (C). O nome *construção* tem leitura resultativa, mas carrega traço [+agente] expresso pelo adjunto *pelas autoridades*, denotando a existência de um evento na sua interpretação. Segundo as autoras, isso fica evidente pela comparação com nomes de leitura exclusivamente de objeto, em (109b), que não seleciona argumentos.

- (109) a. A construção do campo de jogos pelas autoridades trouxe benefícios para a comunidade. (resultado)  
 b. A construção do campo de jogos (\*pelas autoridades) é de boa qualidade. (objeto)

### 3.3.2 Verbos monoargumentais

#### 3.3.2.1 Seleção argumental

Verbos monoargumentais inergativos e acusativos apresentam diferenças importantes quanto à distribuição de seus argumentos. Verbos inergativos, como *sourire* ‘sorrir’, selecionam apenas um argumento externo; verbos inacusativos, como *arriver*, selecionam apenas argumentos internos que são alçados para a posição de sujeito.<sup>38</sup>

No caso de verbos inergativos (110a), temos apenas o argumento externo com função de agente, ou seja, desencadeiam uma ação que depende da sua vontade. São exemplos de

<sup>37</sup> “nouns express representations, [...] are to a certain extent close to picture nouns. Having the denotation of a representation, they may refer to the real author/origin (the proper noun *Homero* in (23) [108c] ) and they may also refer to the author of the representation.”

<sup>38</sup> Como vimos, verbos inacusativos autorizam *en* na posição de sujeito, já que ele é gerado originalmente na posição de objeto.

verbos inergativos e suas nominalizações: *danser/la danse* ‘dançar/a dança’, *sauter/le saut* ‘saltar/o salto’, *voler/le vol* ‘voar/ o voo’, *crier/le cri* ‘gritar/o grito’, *pleurer/les pleures* ‘chorar/o choro’, *respirer/la respiration* ‘respirar/a respiração’ etc. Quando o verbo é nominalizado, o argumento externo é realizado por um PP em *de*, ou seja, um genitivo subjetivo como em (110b).

- (110) a. Marie sourit.  
           maria sorri  
           ‘Maria sorri’
- b. Le sourire de Marie  
           o sorriso de marie  
           ‘O sorriso de Maria’
- c. \*Le sourire par Marie  
           o sorriso por marie

No caso de verbos inacusativos (111a), o sujeito aparente da sentença é, na verdade, gerado na posição de objeto, logo, não é agentivo. São exemplos de verbos inacusativos e suas nominalizações: *arriver/arrivée* ‘chegar/a chegada’, *sortir/la sortie* ‘sair/a saída’, *mourir/la mort* ‘morrer/a morte’, *naître/la naissance* ‘nascer/o nascimento’, *fuir/la fuite* ‘fugir/a fuga’, *partir/le départ* ‘partir/a partida’.

- (111) a. Le train arrive.  
           o trem chega  
           ‘O trem chega.’
- b. L’ arrivée du train.  
           a chegada de+o trem  
           ‘A chegada do trem.’
- c. \*L’ arrivée par le train.  
           a chegada por o trem

Podemos perceber o lugar de origem do NP sujeito quando realizamos o argumento na sua posição de origem, preenchendo a posição de sujeito em francês com o expletivo *il*, e a gramaticalidade se mantém, como em (112):

- (112) Il arrive plusieurs trains en même temps.  
EXPL chega vários trens em mesmo tempo  
'Chegam vários trens ao mesmo tempo.'

(CARLIER & SARDA, 2010, p. 2063)

Deste modo, o nome deverbal inacusativo só pode manifestar o seu argumento interno com a preposição *de* com uma interpretação de tema, como em (111b), nunca com a preposição *par* em (111c).

### 3.3.2.2 Aspectos das nominalizações derivadas de verbos monoargumentais

Em relação ao aspecto denotado pelo verbo, inergativos são, em geral, verbos de atividade (CIRÍACO; CANÇADO, 2004). Porém, no que diz respeito às nominalizações, derivados de verbos inergativos “nunca são ambíguos. [...] Nunca têm leitura eventiva e sempre denotam um resultado. Assim, agentes nunca aparecem como PPs”<sup>39</sup> (ALEXIADOU, 2001, p. 82)<sup>40</sup>. Deste modo, os exemplos em (a), de (113) e (114), formam sentenças gramaticais por apresentarem seu argumento na forma de um genitivo subjetivo. Os exemplos em (b) são agramaticais pois não aceitam a leitura agentiva introduzida pela preposição *por* (como já tínhamos visto em (110c)).

- (113) a. Le saut de l'athète  
o salto de o atleta  
'O salto do atleta.'

- b. \*Le saut de la part de l'athlète.  
o salto de a parte de o atleta

(ALEXIADOU, 2001, p. 82<sup>41</sup>)

<sup>39</sup> “Unergative nominals, [...] are never ambiguous. They never have the event reading and always denote results. In these, agents can never appear as PPs.”

<sup>40</sup> Barque et al. (2009) e Huyghe e Marin (2007) defendem, no entanto, que deverbais de verbos de atividade (inclusive inergativos) podem ter leitura de processo ou de hábito. Este último não aceitaria delimitação temporal, como em (v), ou espacial, como em (vi):

- (v) \* La natation / la relaxation / la circulation a eu lieu ce matin  
a natação / o relaxamento / a circulação tem tido lugar este manhã  
A natação / o relaxamento / a circulação ocorreu esta manhã  
(vi) \* Le lieu de la natation / de la relaxation / de la circulation  
o lugar de a natação / de a relaxamento / de a circulação  
O lugar da natação / do relaxamento / da circulação

<sup>41</sup> Traduzido do inglês.

- (114) a. La danse de Marie.  
           a dança de marie  
           ‘A dança da Maria’
- b. \*La danse de la musique par Marie.  
           a dança de a música por marie

No que diz respeito ao aspecto de verbos inacusativos “existe uma relação estreita entre inacusatividade e a propriedade aspectual de *achievement*” (CIRÍACO; CANÇADO, 2004, p. 10). Como os verbos dessa classe denotam ações pontuais ou o final de uma ação, as nominalizações são, na verdade, estados. Desse modo, assim como nas nominalizações, a partir verbos inergativos, a realização do argumento será sempre através de um PP em *de* e nunca de um agentivo em *por*:

- (115) a. L’arrivée de Claire.  
           a chegada de claire  
           ‘A chegada da Claire.’
- b. \*L’arrivée par Claire.  
           a chegada por claire

Neste capítulo, vimos que a preposição *de* dentro do NP representa o equivalente ao caso genitivo do latim, mas que não se limita a isso. Vários autores se dedicaram em classificá-la de acordo com o valor semântico da preposição (como posse e origem, por exemplo) ou sintático (preposição funcional ou casual). Vimos, também, que a leitura aspectual pode influenciar a seleção da preposição que introduz os argumentos e adjuntos de nomes deverbais. De modo geral, o argumento externo de verbo pode se apresentar de duas maneiras em sua nominalização: (i) pela preposição *par*, quando tratar-se de um sujeito com traço [+agentivo] de verbo transitivo direto, ou seja, quando o sujeito desencadeia a ação e age com controle, com intenção; e (ii) pela preposição *de*, quando o sujeito tiver um traço [-agentivo] ou quando não selecionar argumentos internos, como os verbos inergativos. Porém, essa regra não é absoluta, já que, em alguns casos de nominalizações deverbais, os agentes podem ser expressos em *de*; além disso, a preposição *par* apresenta uma certa flexibilidade quanto à agentividade do nome que introduz. Veremos a seguir de que modo a extração de argumentos de nomes concretos e

deverbais em *en* sofrem restrições a partir das informações que foram apresentadas neste capítulo.

#### 4 EN GENITIVO

Tradicionalmente, o pronome *en* é descrito como um substituto a constituintes precedidos pela preposição *de*. Como já discutido no capítulo 2, ele pode estar inserido em diversas categorias sintáticas, como complemento de verbo, adjetivo e nome. Nosso trabalho se detém a este último, comumente chamado de *en genitivo*, ilustrado em (116)-(119), em que *en* substitui, respectivamente, os sintagmas preposicionais *de ce livre*, complemento do nome *prix*; *de ce film*, complemento de *fin*; *de la cabane*, complemento de *porte*; e *du manuel*, complemento do nome deverbal *présentation*.

(116) Nous aimerions *en* connaître le prix. (= de ce livre)  
 nós amaríamos *en* conhecer o preço (= de esse livro)  
 ‘Nós gostaríamos de saber o preço dele. (= desse livro)’

(117) J’ *en* connais la fin. (= de ce film)  
 eu *en* conheço a fim (= de esse filme)  
 ‘Eu conheço o fim. (= desse filme)’

(118) La porte *en* est en bois. (= de la cabane)  
 a porta *en* é em madeira (= de a cabana)  
 ‘A porta (dela) é de madeira. (= da cabana)’

(119) La présentation *en* est très simple. (= du manuel)  
 a apresentação *en* é muito simples (= do manual)  
 ‘A apresentação (dele) é muito simples (= do manual)’

No entanto, como visto brevemente no capítulo 2, esse é o contexto de extração de *en* que mais apresenta restrições, ilustradas pelos exemplos em (120)-(123). Em (120), o PP *de ce disque* ‘desse disco’, complemento de *musique* ‘música’, está inserido dentro do PP *d’écouter la musique de ce disque* ‘de escutar a música desse disco’, complemento de *envie* ‘envie’. Em (121), *du salon* ‘do salão’ não é argumento do nome *tapis* ‘tapete’. Em (122), *du chien* ‘do cachorro’ tem interpretação de tema e não poderá ser extraído na presença do agente *de Pierre* ‘de Pierre’, em obediência a uma hierarquia na extração, em que o agente tem precedência sobre



o tema. Finalmente, em (123), *des valeurs sûres* ‘dos valores’ é argumento do nome núcleo *respect* ‘respeito’, mas a sentenças tem leitura estativa.

(120) a. J’ ai envie d’écouter la musique de ce disque.  
 eu tenho vontade de escutar a música de esse disco  
 ‘Eu tenho vontade de escutar a música desse disco’

b. \*J’ en ai envie d’écouter la musique.  
 eu *en* tenho vontade de escutar a música.

(121) a. Le tapis du salon est sale.  
 o tapete de+o sala está sujo  
 ‘O tapete da sala está sujo.’

b. \*Le tapis en est sale.  
 o tapete *en* está sujo

(122) a. J’ ai vu la photo de Pierre du chien.  
 eu tenho visto a foto de Pierre de+o cachorro  
 ‘Eu vi a foto do Pierre do cachorro’

b. \*J’ en ai vu la photo de Pierre.  
 eu *en* tenho visto a foto de Pierre

(123) \*les valeurs sûres, le respect *en* est toujours visible.  
 as valores seguras, o respeito EN é sempre visível

Ainda que a literatura sobre o *en* genitivo seja abundante, poucos trabalhos se dedicaram em descrever as restrições da pronominalização em *en* levando em consideração a estrutura argumental do NP em geral e as leituras aspectuais de nomes deverbais. Nosso objetivo é o de apresentar esses trabalhos, permitindo que estudos futuros possam complementar as análises feitas até este momento.

Neste capítulo, na seção 4.1, trataremos inicialmente das propriedades gerais da extração de *en* de dentro do grupo nominal. Em seguida, na seção 4.2, serão apresentadas as propriedades necessárias para a pronominalização de *en* a partir de sintagmas nucleados por nomes concretos. Na seção 4.3, abordaremos os contextos em que *en* substitui os argumentos

de nomes deverbais. Com base nos trabalhos de Kupferman (1991, 2004), esta seção tratará de nomes com um argumento genitivo, com dois argumentos genitivos e de nomes derivados de verbos denotando estados mentais.

#### 4.1 PROPRIEDADES GERAIS DA EXTRAÇÃO DE *EN* NO NP

Se por um lado o *en* genitivo motivou um grande número de estudos dentro da teoria gerativa, na Gramática Tradicional sua descrição como complemento de um nome é bem tímida.

Por exemplo, Mauger (1868), Weinrich (1989) e Riegel, Pellat e Rioul (1994) apresentam o pronome *en* sem citar sua extração de um sintagma nominal. Em Delatour et al. (2004), há uma definição geral de que *en* “substitui um nome de coisa precedido pela preposição *de*”<sup>42</sup> (p. 79) e, entre os exemplos, encontramos o *en* genitivo mas sem que o assunto seja desenvolvido. Pinchon e Wagner (1991) citam e exemplificam o *en* dentro do grupo nominal, porém também não dão mais detalhes.

É somente em Grevisse (1991) que encontramos a apresentação do *en* complemento de nome seguido de algumas restrições, ainda que de maneira breve. Segundo o autor, a extração de *en* de um NP é impossível: (i) quando for um complemento de um nome núcleo de um sintagma introduzido por uma preposição<sup>43</sup>; (ii) quando for um complemento de caracterização. O exemplo (124) ilustra o contexto em (i): o PP *du magasin*, complemento do nome *nom*, não pode ser extraído na forma de *en* por estar dentro de um PP selecionado por *se souvenir*<sup>44</sup>. O exemplo em (125) ilustra o contexto (ii): o complemento do nome *homme* é um complemento de caracterização<sup>45</sup> (GREVISSE, 1991, p. 1032):

<sup>42</sup> "Il remplace un nom de chose précédé de la préposition de."

<sup>43</sup> Ou seja, é impossível extrair “um complemento de um complemento”, segundo Boivin (1999, p. 23). Por representar um contexto de restrição à extração mais geral, ele não será discutido neste trabalho. Sobre a impossibilidade de extrair um PP em *en* de dentro de outro PP, ver Kayne (1975) sobre o princípio “A-sobre-A”, e Kayne (1985) sobre o princípio das categorias vazias.

<sup>44</sup> O exemplo nos mostra um PP em *de* dentro de outro PP em *de*, mas outras preposições podem igualmente restringir a extração, como em (vii) e (viii), com as preposições *pour* ‘para’ e *sur* ‘sobre’, respectivamente:

(vii) \*Elle en a voté pour trois.  
ela en tem votado para três

(viii) \*Elle en compte sur trois.  
ela en conta sobre três

(KAYNE, 1984, p. 267)

<sup>45</sup> Grevisse (1991), aparentemente, utiliza aqui o termo *complemento*, em “complemento de caracterização”, como sinônimo de “adjunto”.

- (124) a. Il ne se souvenait plus du nom du magasin.  
 ele NEG se lembrava mais de+o nome de+o loja  
 ‘Ele não se lembrava mais do nome da loja.’
- b. \* il NEG s’ en souvenait plus du nom.  
 ele não se *en* lembrava mais de+o nome
- (125) a. Il a exigé un homme de forte constitution.  
 ele tem exigido um homem de forte constituição  
 ‘Ele exigiu um homem de forte constituição.’
- b. \* il en a exigé un homme.  
 ele *en* tem exigido um homem

Percebe-se assim que o *en* chamado de *en genitivo* é, de forma geral, descrito nas gramáticas como o pronome que substitui um PP extraído de dentro de um grupo nominal, sem que as restrições a essa extração sejam apresentadas ou desenvolvidas mais detalhadamente. No entanto, como brevemente observado por Grevisse, e também como ilustrado pelos exemplos (120)-(123), veremos, ao longo deste capítulo, que, nesse contexto, o pronome não substitui todo e qualquer constituinte introduzido pela preposição *de*. Para satisfazer as condições de extração de um PP desse tipo, é necessário que o complemento do núcleo manifeste realmente o caso *genitivo*. A fim de diferenciar o uso do termo genitivo, presente nos estudos das línguas marcadas com caso morfológico (como o latim, visto no capítulo 2) do uso aqui empregado, usaremos a definição de Müller:

O termo genitivo será usado [...] basicamente como "um termo funcional para recobrir um conjunto de 'funções argumentais' do sintagma nominal que se podem correlacionar por algumas propriedades sintáticas e semânticas, como a associação a determinados papéis temáticos (agente, tema, possuidor) e a possibilidade de expressá-las pelos 'pronomes possessivos' " (Franchi, 1996). Não se trata pois de um caso morfológico, como é o caso em latim ou em finlandês. [...] Vou usar o termo genitivo, seguindo a tradição da gramática gerativa, para caracterizar o caso abstrato atribuído a certos argumentos de um núcleo nominal. (1996, p. 1).

Assim, segundo a definição da autora, o caso genitivo expressa uma relação entre um núcleo nominal e seus argumentos nominais.

Para reconhecer quais complementos entram na categoria de genitivos, Milner (1982), por exemplo, estabeleceu os seguintes critérios descritivos para o francês, relacionando

justamente a função de argumento à presença da preposição *de* e à possibilidade de extração na forma de *dont*, *en* e de um possessivo:

- (126) i. Ser introduzido pela preposição *de*  
 ii. Ser relativizado por *dont* ‘cujo/do qual’  
 iii. Ser pronominalizado por *en*  
 iv. Ser substituído por um possessivo<sup>46</sup>

Deste modo, se observarmos os exemplos em (127), em que a preposição *de* introduz um nome podendo ter valores diversos, como o de possuidor/agente (a), origem (b), assunto (c), tema (d), tempo (e) e valor (f), a substituição por um possessivo nos mostra que apenas (a) e (d) são genitivos<sup>47</sup>.

- (127) a. La maison de Jean. / Sa maison  
 a casa de Jean sua casa  
 ‘A casa do Jean. / sua casa’
- b. Un ami de Sao Paulo. / # son ami  
 um amigo de São Paulo seu amigo  
 ‘Um amigo de São Paulo. / # seu amigo’
- c. Le livre de syntaxe. / # son livre  
 o livro de sintaxe seu livro  
 ‘O livro de sintaxe. / # seu livro’
- d. La destruction de la ville / sa destruction  
 a destruição de a cidade sua destruição  
 ‘A destruição da cidade. / sua destruição’

---

<sup>46</sup> A partir desses critérios, Kupferman (2004) lembra que os complementos de partitivos e quantitativos não serão considerados genitivos, já que são substituídos por *en*, como nos exemplos partitivos em (ix), mas nunca por um possessivo, como em (x) (p. 103):

- (ix) ce terrain, elle en a acheté la moitié / le double / la plus grande partie  
 esse terreno, ela *en* tem comprado a metade / o dobro / a mais grande parte  
 ‘Esse terreno, ela comprou a metade / o dobro / a maior parte (dele)’
- (x) ce terrain, elle a acheté \*sa moitié / \*son double / \*sa plus grande partie  
 esse terreno, ela tem comprado sua metade / seu dobro / sua mais grande parte  
 ‘Esse terreno, ela comprou \*a sua metade / \*o seu dobro / \* sua maior parte’

<sup>47</sup> Os exemplos de (127) são traduzidos e adaptados de Sadrins (2009), que discute os diversos valores dos complementos introduzidos por *de* no português brasileiro.

- e. Le livre du siècle dernier. / # son livre  
 o livro de+o século último seu livro  
 ‘O livro do século passado. / # seu livro’
- f. Le livre de cent euros. / # son livre  
 o livro de cem euros seu livro  
 ‘O livro de cem euros. / # seu livro’

Assim, para que PPs introduzidos pela preposição *de* possam ser extraídos de dentro de um NP sob a forma de *en*, eles devem ser argumentos diretos do nome núcleo. Como ilustrado pelo exemplo (121), ou em Grevisse (1991), em (125), PPs adjuntos não podem ser extraídos sob a forma de *en*.

Veremos, no entanto, que a condição de argumento do nome núcleo não é condição suficiente para que a extração ocorra. É necessário, assim, uma boa compreensão sobre as relações que os nomes entretêm com os constituintes com que se combinam. Diversas classificações para os nomes são propostas na literatura, e a terminologia utilizada para se referir aos constituintes que se relacionam com o nome núcleo em um grupo nominal não é sistemática nem uniforme<sup>48</sup>. Neste trabalho, discutiremos a questão da extração de PPs de dentro de um grupo nominal assumindo uma divisão dos nomes entre concretos, deverbais, e deverbais que denotam um estado mental, seguindo Milner (1982) e Kupferman (1991), que demonstraram em seus estudos que essa classificação é relevante na descrição do pronome *en* extraído a partir de um NP.

## 4.2 NOMES CONCRETOS

Antes de abordarmos especificamente a extração através de *en*, discutiremos, de forma mais geral, a extração de PPs a partir de um NP. No caso de nomes concretos que selecionam argumentos, estes podem ter três interpretações: *possuidor*, *agente* e *tema*. Assim, podemos tirar três conclusões distintas de (128): (i) de que a foto representa Paul (tema), (ii) de que Paul fez uma foto (agente) ou (iii) de que Paul tem uma foto (possuidor) (MILNER, 1982, p. 69).

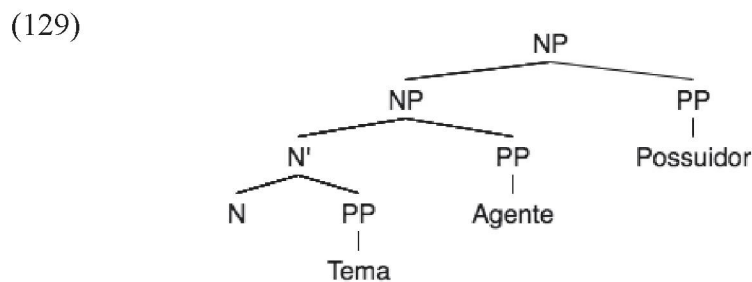
---

<sup>48</sup> C.f., por exemplo, Alexiadou et al. (2007) e Lieber (2016).

- (128) La photo de Paul.  
 a foto de paul  
 ‘A foto de Paul.’

Essas três leituras raramente aparecem juntas no discurso, tampouco são possíveis de serem identificadas em todos os nomes concretos. Enquanto todos podem apresentar um possuidor, nomes como *imagem*, por exemplo, poderão, ainda, ter um tema, mas não um agente (MILNER, 1982, p. 122)<sup>49</sup>.

Segundo Müller (1996), quando mais de um constituinte é expresso na sentença, a extração se fará através da seguinte hierarquia: *possuidor* > *agente* > *tema*<sup>50</sup>, representada em (129); ou seja, um constituinte que recebe o papel de possuidor sempre poderá ser extraído, ao passo que a extração de um constituinte com papel de agente só pode ser feita se não houver um possuidor, e a extração de um constituinte com papel de tema só se realizará se possuidor e tema não estiverem presentes.



Vejamos como a hierarquia proposta se aplicaria a partir da extração com um possessivo, em (130). Em (130b), se Jean receber o papel de agente, somente o possuidor poderá ser o referente do possessivo, já que o tema está numa posição abaixo da posição de agente na hierarquia. Em (130c), como o tema está na posição mais inferior da hierarquia, *sa* ‘sua’ pode sugerir tanto um possuidor quanto um agente. No entanto, (130d), em que é atribuído o papel de tema ou de agente ao possessivo, é agramatical, visto que um referente hierarquicamente mais importante já está expresso na sentença.

<sup>49</sup> Segundo o autor, o nome *livro* teria apenas o possessivo e o agente (ou seja, o autor do livro). No entanto, teremos um tema em *o livro das fotos da viagem*, por exemplo.

<sup>50</sup> Segundo Milner, 1982; Giorgi & Longobardi, 1991; Miguel, 1992, 1996.

- (130) a. La photo [du paysage<sup>tema</sup>] [de Jean<sup>agente</sup>] [du collectionneur<sup>possuidor</sup>]  
 a foto de+o paisagem de jean de+o colecionador  
 ‘A foto [da paisagem<sup>tema</sup>] [de Jean<sup>agente</sup>] [do colecionador<sup>possuidor</sup>].’
- b. sa<sup>possuidor</sup> photo [de Jean<sup>agente</sup>]  
 sua foto de Jean  
 ‘sua<sup>possuidor</sup> foto [de Jean<sup>agente</sup>].’
- c. sa<sup>possuidor/agente</sup> photo [du paysage<sup>tema</sup>]  
 sua foto de+o paisagem  
 ‘sua<sup>possuidor/agente</sup> foto [da paisagem<sup>tema</sup>].’
- d. \* Sa<sup>tema/agente</sup> foto [du collectionneur<sup>possuidor</sup>]  
 sua foto de+o colecionador

A única preposição possível para indicar o possuidor é *de*; enquanto para agente e tema, outras preposições como *par* ‘por’ e *sur* ‘sobre’ poderão ser selecionadas, como nos exemplos (76) e (77), que repetimos aqui em (131) e (132) por conveniência.

- (131) J’ ai accroché au mur un portrait par moi de mon fils.  
 eu tenho pendurado ao parede um retrato por mim de meu filho  
 ‘Eu pendurei na parede um retrato feito por mim do meu filho.’

- (132) Les livres sur Paris sont rares.  
 os livros sobre paris são raros  
 ‘Os livros sobre Paris são raros.’ (MILNER, 1982, p. 87-89)

Godard (1986, 1992) lembra, ainda, que o agente e o tema poderão ser substituídos por um pronome tônico quando apresentarem traço [+animado], como em (133) e (134) respectivamente, o que não será possível com uma leitura possessiva, como em (135). Nesse caso, somente um pronome possessivo poderá representar o referente<sup>51</sup>.

<sup>51</sup> O nome *maison* não aceita argumentos com interpretação de tema ou agente e o possuidor, neste caso, será sempre um nome com traço animado. Logo, acreditamos que a extração em *en* também não seja possível neste caso.

- (133) Léonard de Vinci, un portrait de lui est exposé à Paris  
 léonard de vinci um retrato de elle está exposto a paris  
 ‘Leonardo da Vinci, um retrato dele está exposto em Paris.’
- (134) La Joconde, un portrait d’elle est exposé à Paris.  
 a joconde um retrato de ela está exposto a paris  
 ‘A Monaliza, um retrato dela está exposto em Paris.’
- (135) a. \*Jean, la maison de lui est à vendre  
 jean a casa de ele está à venda  
 b. Jean, sa maison est à vendre.  
 jean sua casa está à venda.  
 ‘Jean, sua casa está à venda’

Com relação à extração através do pronome *en*, devemos lembrar, antes de mais nada, que há uma preferência por constituintes com o traço [-animado]. Dessa forma, como o pronome tem preferencialmente um referente inanimado, a pronominalização em *en* a partir do possuidor em (135) não seria possível. Do mesmo modo, um referente agente também sofreria restrições (MILNER, 1982, p. 102), como ilustrado em (136), em que Jean é interpretado como agente, ou seja, aquele que tirou a foto do monumento.

- (136) a. J’ai vu la photo de Jean du monument.  
 eu tenho visto a foto de Jean de+o monumento  
 ‘Eu vi a foto do Jean do monumento.  
 b. J’en ai vu la photo. (= \*Jean)  
 eu *en* tenho visto a foto.  
 ‘Eu vi a foto (dele)’ (= \*Jean)

Os exemplos (137) e (138) ilustram a extração em *en* de argumentos com o papel de tema e de possuidor dos nomes concretos *photo* e *tableau*, respectivamente.<sup>52</sup> Em síntese, no

---

<sup>52</sup> Os trabalhos de Kupferman (1991, 1996, 2004), no entanto, mostram que, contrariamente aos critérios de Milner, nem sempre possessivos e *en* podem ocorrer nos mesmos contextos. Um estudo que contemple os casos em que haja preferência no uso do possessivo ou do pronome *en* parece ter bastante pertinência, mas foge do escopo deste trabalho.



caso de nomes concretos, a extração em *en* é possível para os argumentos com papel de tema e de possuidor com referentes inanimados, mas não é possível, em princípio, para os argumentos com papel de agente, devido ao traço [+animado].

(137) a. J' ai vu la photo du Parthenon.  
 eu tenho visto a foto de+o partenon  
 'Eu vi a foto do Partenon.'  
 (MILNER, 1982, p. 102)

b. J' en ai vu la photo  
 eu *en* tenho visto a foto  
 'Eu vi a foto (dele).'

(138) a. Le tableau du musée a été acheté.  
 o quadro de+o museu tem sido comprado  
 'O quadro do museu foi comprado'

b. Le tableau en a été acheté.  
 o quadro *en* tem sido comprado  
 'O quadro (dele) foi comprado.'

Resumindo, nesta seção vimos como se dá a extração a partir de um NP de maneira geral através de exemplos com nomes concretos. Segundo Milner (1982), para que a extração ocorra no francês, o argumento do nome núcleo deverá ser introduzido pela preposição *de*, ser relativizado em *dont* 'cujo' e poder ser pronominalizado por um possessivo ou por *en*. Também vimos que nomes podem ter mais de um argumento em *de* e, no caso de mais de um complemento ser expresso, a extração se dará de acordo com a seguinte hierarquia: *possuidor* > *agente* > *tema*. Com relação à extração através do pronome *en*, vimos que ela poderá sofrer restrições quanto à animacidade do seu referente. Assim, complementos com interpretação de agente dificilmente serão pronominalizados por *en*. Na seção seguinte trataremos da extração em *en* a partir de um nome deverbal.

#### 4.3 NOMES DEVERBAIS

Assim como os nomes concretos, os nomes derivados de verbos, ou seja, nomes deverbais, também apresentam seus argumentos e adjuntos em PPs em *de* ou em outras

preposições (como *par* ‘por’, *pour* ‘para’ etc, como em (99) da seção anterior). Do mesmo modo que no caso dos nomes não deverbais, a extração em *en* desses PPs em *de* pode sofrer algumas restrições, que estão ligadas à estrutura argumental do nome núcleo definido por suas interpretações eventiva ou estativa, ou seja, por suas características aspectuais.

No capítulo anterior, concluímos que a estrutura argumental associada ao aspecto do nome núcleo tem uma função importante na seleção da preposição que introduz seus constituintes, ainda que as regras dessa seleção não sejam absolutas. Como os nomes concretos, os deverbais também selecionam argumentos realizados com a preposição *de*, ou seja, genitivos. Espera-se, então, que esses constituintes possam ser extraídos em *en*, como em (139), (140) e (141). Porém, verificamos em (142) e (143), por exemplo, que os argumentos dos nomes deverbais poderão sofrer restrições quanto à pronominalização em *en*, ainda que sejam genitivos.

(139) La destruction en est rapide. (= de la voiture)  
 a destruição *en* é rápida (= de a carro)  
 ‘A destruição (dele) foi rápida. (= do carro)’

(140) Nous en attendons l’arrivée (= du train)  
 nós *en* esperamos a chegada (= de+o trem)  
 ‘Nós esperamos a chegada (dele). (= do trem)’

(141) Le don en a été apprécié (= de la veste / de Pierre)  
 o doação *en* tem sido apreciado (= de a casaco / de Pierre)  
 ‘A doação foi apreciada. (do casaco / de Pierre)’

(142) (?) Le sourire en est connu. (= de Marie)  
 o sorriso *en* é conhecido (= de Marie)  
 ‘O sorriso (dela) é conhecido. (= de Marie)’

(143) \* La possession en a été rentable (= du territoire)  
 a posse *en* tem sido rentável (= de+o território)

Nesta seção, apresentaremos a análise de Kupferman (1991, 2004) acerca de nomes deverbais e de que forma a distribuição dos seus PPs influenciam a possibilidade de extração

em *en*. Primeiramente, na seção 4.3.1, consideraremos os nomes derivados de verbos que selecionam, no mínimo, dois argumentos, como os exemplos (99) e (100) da seção anterior. Analisaremos inicialmente os casos em que o nome tem apenas um genitivo, para, em seguida, tratar dos casos em que dois genitivos concorrem entre si. Na seção 4.3.2, trataremos dos nomes derivados de verbos monoargumentais.

#### 4.3.1 Nomes deverbais com mais de um argumento

##### 4.3.1.1 Nomes deverbais com apenas um argumento genitivo

Como vimos anteriormente, conforme Milner (1982), o pronome *en* só poderá pronominalizar constituintes que sejam argumentos do nome núcleo e que se realizem com a preposição *de*. Vimos, também, que, quando um verbo é nominalizado, seu argumento interno se realiza na forma de um genitivo objetivo. Já o argumento externo pode se apresentar na forma de um genitivo subjetivo ou de um adjunto em *par*. Logo, isso nos levaria a afirmar que todo genitivo objetivo poderá ser pronominalizado em *en*, já que é argumento e é realizado em *de*. Porém, se observarmos os pares propostos por Kupferman (1991, p. 119), representados aqui em (144)-(146), onde (a) permite a pronominalização em *en* e (b) sofre restrições quanto ao uso do clítico, veremos que essa afirmação não é verdadeira:

- (144) a. La réfection de la maison sera longue.  
           a reforma de a casa sera longa  
           ‘A reforma da casa será longa.’
- a' La réfection en sera longue.  
           a reforma *en* será longa  
           ‘A reforma dela será longa.’
- b. L' habitation de la maison lui sera agréable.  
           a habitação de a casa lhe será agradável  
           ‘A estadia na casa será agradável pra ele.’
- b' \*L' habitation lui en sera agréable.  
           a habitação lhe *en* será agradável.

- (145) a. L' adoption de ce nom-là lui serait utile.  
 a adoção de esse nome-lá lhe seria útil  
 'A adoção daquele nome seria útil pra ele.'
- a' L' adoption lui en sera utile.  
 a adoção lhe *en* será útil  
 'A adoção dele seria útil pra ele.'
- b. Le port de ce nom lui était utile.  
 o porte de esse nome lhe era útil  
 'O porte desse nome era útil pra ele.'
- b' \* Le port lui en était utile.  
 o porte lhe *en* era útil
- (146) a. L' annexion de l' île de Ré a été profitable.  
 a anexação de a ilha de Ré tem sido proveitosa  
 'A anexação da ilha de Ré foi proveitosa.'
- a' L' annexion en a été profitable.  
 a anexação *en* tem sido proveitosa  
 'A anexação dela foi proveitosa.'
- b. La possession de l' île de Ré est rentable pour la France.  
 a posse de a ilha de Ré é rentável para a França  
 'A posse da ilha de Ré é rentável para a França.'
- b' \* La possession en est rentable.  
 a posse *en* é rentável.

Kupferman explica que a (im)possibilidade de extração entre os pares tem origem na leitura aspectual de cada sentença e na agentividade do seu argumento externo. Com relação à leitura aspectual das sentenças, o autor afirma que, nos exemplos (a), *réfection* 'reforma', *adoption* 'adoção' e *annexion* 'anexação' são nomes que apresentam aspecto eventivo, podendo designar eventos pontuais ou durativos, remetendo ou não a um resultado do processo. Nesses casos, o genitivo objetivo poderá ser extraído em *en*. Por outro lado, *habitation* 'habitação', *port* 'porte', e *possession* 'posse' em (b) têm leitura estativa, já que remetem a

situações contínuas, que não mudam de estado, ou a resultados de um processo. Nesses casos, o genitivo objetivo não poderá ser extraído em *en*.

Com relação à agentividade do argumento externo, vimos no capítulo anterior que nomes eventivos teriam um argumento externo agente que é preferencialmente realizado pela preposição *par*, enquanto estativos realizam seu argumento externo por meio de genitivos subjetivos em *de*. No entanto, em (147) e (148) (que correspondem, respectivamente, aos exemplos (a) e (b) de (144)-(146)), os deverbais dos exemplos (144)-(146) têm seus argumentos externos realizados somente por *par*, independentemente da sua leitura aspectual.

- (147) a. La réfection de la maison par le maçon / \*du maçon sera longue.  
 a reforma de a casa por o pedreiro / de+o pedreiro será longa  
 ‘A reforma da casa pelo pedreiro / \*do pedreiro será longa.’
- b. L’ adoption de ce nom- là par l’entreprise / \*de l’entreprise lui serait utile.  
 a adoção de esse nome-lá por a empresa / de a empresa lhe seria útil  
 ‘A adoção daquele nome pela empresa / \*da empresa seria útil pra ele.’
- c. L’ annexion de l’ île de Ré par ce gouvernement / \*de ce gouvernement a été profitable.  
 a anexação de a ilha de ré por esse governo / de esse governo tem sido proveitosa  
 ‘A anexação da ilha de Ré por este governo foi proveitosa.’
- (148) a. L’ habitation de la maison par Eva / \*d’ Eva lui sera agréable.  
 a habitação de a casa por eva / \*de Eva lhe será agradável  
 ‘A habitação da casa por Eva será agradável para ele’
- b. Le port de ce nom par l’ entreprise / \*de l’entreprise lui était utile.  
 o porte de esse nome por a empresa / \*de a empresa lhe seria útil  
 ‘O porte desse nome pela empresa será útil para ele.’

c. La possession de l' île de Ré par la France / \*de la France est rentable pour le pays.

a posse de a ilha de ré por a França / \*de a França é rentável para o país

‘A posse da Ilha de Ré pela França será rentável para o país.’

Contudo, ainda que (147) e (148) apresentem seus argumentos através da mesma preposição *par*, os sintagmas *Eva*, *l'entreprise* e *la France* em (148) não são agentes, porque o núcleo não expressa uma ação mas um estado. Isso mostra que a preposição *par* não oferece uma leitura exclusivamente agentiva do constituinte que introduz. Ascombe (1995) afirma que nomes de interpretação exclusivamente estativa não admitiriam o argumento em *par* ‘por’, mas, como vimos nos dados de Sleeman e Brito (2010a, 2010b) no capítulo 3, um nome pode ser estativo, mas carregar algumas propriedades eventivas.

Quanto à extração do genitivo em *en*, percebe-se que os exemplos com argumentos externos com papel de agente, em (147), terão seus genitivos objetivos pronominalizados através de *en* em (144a), (145a) e (146a). Por outro lado, os exemplos em (144b), (145b) e (146b), não tendo argumentos externos agente, ainda que introduzidos por *par*, sofrerão restrições quanto à pronominalização do genitivo.

Portanto, nos casos em que apenas o genitivo objetivo está presente em uma construção com um nome deverbal transitivo, para que ele seja pronominalizado em *en*, deverá levar em consideração a agentividade do argumento externo, ainda que em posição de adjunção.

#### 4.3.1.2 Nomes deverbais com dois argumentos genitivos

Até este momento, vimos que tanto os nomes concretos quanto os deverbais podem ter mais de um argumento genitivo. Em se tratando dos nomes concretos, podemos encontrar genitivos com papel de possuidor, de agente ou de tema, que poderão ser extraídos na forma de um possessivo ou através do pronome *en*. Em casos com mais de um argumento expresso na sentença, sua extração deverá seguir a hierarquia *possuidor* > *agente* > *tema*. Há restrições, no entanto, quanto à extração através de *en* no caso dos argumentos que expressam o agente, devido ao traço de animacidade. Nomes deverbais, por sua vez, podem expressar os argumentos dos verbos dos quais derivam através de genitivos ou de PPs introduzidos por preposições como *par* e *à*, por exemplo. No capítulo 3, observamos que um argumento interno direto será sempre um genitivo objetivo, enquanto que um argumento externo poderá se manifestar como um

genitivo subjetivo ou um adjunto em *par*. Vimos, também, que nomes com traço [-agente] serão preferencialmente introduzidos pela preposição *de*, enquanto [+agentes] utilizarão a preposição *par*, ainda que essa regra não seja absoluta.

Nesta seção, trataremos das restrições de pronominalização em *en* de argumentos de nomes deverbais com dois genitivos. Segundo Kupferman (2004, p. 113), a sintaxe dos nomes deverbais, comparada com a sintaxe dos nomes concretos, apresentaria a seguinte equivalência com relação aos papéis temáticos: (i) possuidor: genitivo possuidor; (ii) agente: genitivo subjetivo; (iii) tema: genitivo objetivo. O autor considera, então, que os argumentos de nomes deverbais seguem uma hierarquia correspondente à dos complementos de nomes concretos: *genitivo possuidor* > *genitivo subjetivo* > *genitivo objetivo*.

Assim, (149) traz exemplos a partir do verbo *rediger* ‘redigir’. O nome deverbal *redaction* ‘redação’ terá dois argumentos em *de*<sup>53</sup>: o genitivo subjetivo *de la secrétaire* e o genitivo objetivo *de la lettre* (149b). De acordo com a hierarquia proposta, se os dois argumentos forem apresentados, somente o genitivo subjetivo poderá ser extraído, como em (149c). A pronominalização de um genitivo objetivo na presença de um genitivo subjetivo será agramatical, como em (149d). Quando apenas um argumento é expresso, como em (149e), inferimos que somente *de la lettre* possa ser seu referente, dada a possível restrição quanto à animacidade de *la secrétaire*. Porém o contexto em (149e) não é apresentado por Kupferman (2004), sendo necessário testá-lo, em estudos futuros, com falantes nativos a fim de verificar a aceitabilidade de ambos os referentes.

(149) a. La secrétaire redigeait la lettre.

a secretária redigia a carta

‘A secretária redigia a carta.’

b. La rédaction [de notre secrétaire<sup>Gen.Subj.</sup>] [de la lettre<sup>Gen.Obj.</sup>] était négligée.

a redação de nossa secretária de a carta era descuidada.

‘A redação [da nossa secretária<sup>Gen.Subj.</sup>] [da carta<sup>Gen.Obj.</sup>] era descuidada.’

---

<sup>53</sup> Assim como *don*, o nome *redaction* poderá ter um argumento externo expresso por *par*. Segundo Kupferman, esse efeito é devido a sua apresentação na forma passiva, que admite apenas a leitura eventiva do deverbal (p. 111):

(xi) la rédaction de la lettre par / \*de notre secrétaire a duré deux heures / a eu lieu ce matin.

a redação de a carta por de nossa secretária tem durado duas horas tem tido lugar esse manhã

‘A redação da carta por / \*de nossa secretária durou duas horas / ocorreu essa manhã.’

- c. La rédaction de la lettre en était négligée. (= la secrétaire)  
 a redação de a carta *en* era descuidada (= a secretária)  
 ‘A redação (dela) da carta era descuidada. (= a secretária)’
- d. \* La rédaction de la secrétaire en était négligée. (= la lettre)  
 a redação de a secretária *en* era descuidada.
- e. La redaction en était négligé.  
 a redação *en* era descuidada.  
 ‘A redação (dela) era descuidada.’

#### 4.3.2 Nomes derivados de verbos monoargumentais

Como vimos no capítulo 3, verbos monoargumentais podem ter apenas um argumento externo, no caso de inergativos, ou um argumento interno, no caso dos inacusativos, como nos exemplos (110a) e (111a), respectivamente, que repetimos aqui em (150a) e (151a) por conveniência. Os nomes derivados dessas classes de verbos terão seus argumentos realizados exclusivamente pela preposição *de*, como em (150b) e (151b), e a realização através da preposição *par* formará sentenças agramaticais, como nos exemplos em (c).

- (150) a. Marie sourit.  
 maria sorri  
 ‘Maria sorri’
- b. Le sourire de Marie  
 o sorriso de marie  
 ‘O sorriso de Maria’
- c. \*Le sourire par Marie  
 o sorriso por marie
- (151) a. Le train arrive.  
 o trem chega  
 ‘O trem chega.’



- b. L' arrivée du train.  
 a chegada de+o trem  
 'A chegada do trem.'
- c. \*L' arrivée par le train.  
 a chegada por o trem

Em relação ao aspecto, vimos que inergativos são, em geral, verbos de atividade, ou seja, verbos que denotam eventos durativos desencadeados por um agente. Já os inacusativos são verbos de *achievement*, que representam o ponto culminante de uma ação. Nomes derivados dessas duas classes, no entanto, denotarão o resultado final do processo durativo das atividades, ou do processo pontual dos *achievements*, isto é, ambos serão estativos e terão seus argumentos sempre realizados em um genitivo.

A pronominalização em *en* dos argumentos de nomes derivados de verbos monoargumentais não é tratada na literatura consultada. Porém, a previsão é que nomes derivados de verbos inergativos sofram restrições com relação a essa pronominalização devido à animacidade do seu argumento, que será sempre um agente, como mostramos em (142), e repetimos em (152) por conveniência:

- (152) ? Le sourire *en* est connu. (= de Marie)  
 o sorriso *en* é conhecido (= de marie)  
 'O sorriso (dela) é conhecido. (= de Marie)'

O argumento de um verbo inacusativo, por sua vez, não apresenta traço agentivo, visto que ele é gerado na posição de complemento do verbo e não de sujeito. Assim, poderá ter traço [-animado] e, neste caso, se prevê que ele não sofrerá restrições quanto à extração em *en*, como em (140), retomado abaixo em (153).

- (153) Nous *en* attendons l' arrivée (= du train)  
 nós *en* esperamos a chegada (= de+o trem)  
 'Nós esperamos a chegada (dele). (= do trem)'

Essas previsões coincidem com o julgamento informalmente obtido de falantes nativos. No entanto, devido à variabilidade de julgamentos no que diz respeito à extração em *en* de referentes animados, tais previsões devem ser testadas em estudos futuros.

Na seção 4.3 apresentamos de que forma se dá a extração em *en* de argumentos de nomes deverbais que, resumidamente, realiza-se da seguinte maneira:

<b>Deverbais Monoargumentais</b>	
<i>Inergativos</i>	Extração pouco aceitável: o referente provavelmente será animado
<i>Inacusativos</i>	Extração possível, inclusive, na posição de sujeito
<b>Deverbais com mais de um argumento</b>	
<i>Um genitivo</i>	Extração possível se: - o nome N for eventivo - o genitivo subjetivo for agente do verbo do qual deriva / argumento externo [+agente]
<i>Dois genitivos</i>	Os argumentos deverão seguir a hierarquia gen. possuidor > gen. subjetivo > gen. Objeto

Tabela 8 A extração de argumentos de nomes deverbais em *en*

Na seção seguinte, completaremos nossa descrição tratando exclusivamente dos nomes deverbais que expressam estados mentais.

#### 4.4 NOMES DEVERBAIS DENOTANDO ESTADOS MENTAIS

Nesta seção trataremos dos nomes derivados de verbos denotando o que Kupferman (1991, 1996) chama de estados mentais. Contudo, os exemplos propostos por Kupferman não dão conta da complexidade que envolve os verbos e nomes deverbais dessa classe. Diversos autores se dedicaram a explicar e/ou classificar esses verbos e nomes (ANSCOMBRE, 1995; ALEXIADOU, 2011; LANDAU, 2010; RUWET, 1994; VAN DE VELDE, 1995, entre outros), sem que as questões envolvendo esse assunto se esgotassem.

Veremos que, na verdade, Kupferman (1991) considera basicamente os nomes derivados de verbos com sujeito experienciador. Assim, em um primeiro momento, apresentaremos as análises do autor. Em seguida, traremos mais informações sobre essa classe de verbos, a partir dos estudos de Cançado (2012), Barque, Fábregas e Marin (2012) e Fabregas,

Marin e McNally (2012). Nossa proposta será apenas a de tentar completar a discussão de Kupferman, sugerindo possíveis contextos de extração de *en* que não foram desenvolvidos pelo autor.

#### 4.4.1 A análise de Kupferman

Em sua análise, Kupferman (1991) trata dos deverbais que expressam estados mentais<sup>54</sup> como uma categoria à parte. Nos pares analisados pelo autor, em (154)-(156), temos em (a) uma leitura eventiva e em (b) uma leitura estativa. Da mesma maneira que os deverbais em (144)-(146) da seção anterior, em (a) a pronominalização do genitivo objetivo é autorizada e em (b) não:

- (154) a. Le décryptage de cet alphabet a été malaisé.  
           o decodificação de esse alfabeto tem sido difícil  
           ‘A decodificação desse alfabeto foi difícil.’
- a' Le décryptage en a été malaisé.  
           o decodificação *en* tem sido difícil  
           ‘A decodificação (dele) foi difícil.’
- b. L'ignorance de cet alphabet est assez générale.  
           a ignorância de esse alfabeto é bastante geral  
           ‘A ignorância desse alfabeto é bem geral.’
- b' \*L'ignorance en est assez générale.  
           a ignorância *en* é bastante geral
- (155) a. La chronique de ces événements est plutôt amusante  
           a crônica de esses eventos é bastante divertida  
           ‘A crônica desses acontecimentos é bem divertida.’
- a' La chronique en est plutôt amusante.  
           a crônica *en* é bastante divertida  
           ‘A crônica (deles) é bem divertida.’

---

<sup>54</sup> Veremos, nos exemplos, que o autor chama de *estados mentais* tanto atividades mais comumente designadas de psicológicas quanto atividades cognitivas, de compreensão e entendimento.

- b. L'attente de ces événements était plutôt lassante.  
 a espera de esses eventos era bastante cansativa  
 'A espera desses eventos era bem cansativa.'
- b' \*L'attente en était plutôt lassante.  
 a espera *en* era bastante cansativa.'

- (156) a. La fréquentation des cinémas est moyenne en ce moment.  
 a frequência de+os cinemas é média em esse momento  
 'A frequência dos cinemas é média nesse momento'
- a' La fréquentation en est moyenne en ce moment.  
 a frequência *en* é média em esse momento  
 'A frequência dele é média nesse momento.'
- b. L'adoration du cinéma est assez commune.  
 a adoração de+o cinema é bastante comum  
 'A adoração do/pelo cinema é bem comum.'
- b' \*L'adoration en est assez commune.  
 a adoração *en* é bastante comum.

Nos pares analisados na seção anterior, em (144)-(146), os argumentos externos são expressos em *par*, independentemente da sua agentividade, como ilustrado em (147)-(148). Nos exemplos (a) de (154)-(156) os argumentos externos também serão realizados em *par*, como em (157):

- (157) a. Le décryptage de cet alphabet par l'expert.  
 o decodificação de esse alfabeto por o especialista  
 'A decodificação desse alfabeto pelo especialista.'
- b. La chronique de ces événements par le journaliste.  
 a crônica de esses eventos por o jornalista  
 'A crônica desses acontecimentos pelo jornalista.'
- c. La fréquentation des cinémas par les enfants  
 A frequência de+os cinemas por os crianças  
 'A frequência dos cinemas pelas crianças'

Contudo, os exemplos de nomes estativos em (b) terão seus argumentos externos realizados através de um genitivo subjetivo, ou seja, um PP em *de*. Segundo Kupferman (1991, p. 125), nomes de leitura estativa que expressam estados mentais não aceitam que o argumento externo seja realizado em *par*, como é possível constatar comparando os pares de exemplos em (158)<sup>55</sup>:

- (158) a. \*l' ignorance de cet alphabet par les savants.  
 a ignorância de esse alfabeto por os sábios
- a' L' ignorance des savants de cet alphabet.  
 a ignorância de+os sábios de esse alfabeto  
 'A ignorância dos sábios desse alfabeto.'
- b. \*l' attente de ces événements par Marie  
 a espera de esses eventos por marie
- b' L' attente de Marie de ces événements.  
 a espera de Marie de esses eventos  
 'A espera de Marie por esses eventos'
- c. \*la connaissance de ces secrets par Sam  
 a conhecimento de esses segredos por Sam
- c'. la connaissance de Sam de ces secrets.  
 a conhecimento de Sam de esses segredos  
 'O conhecimento de Sam desses segredos.'

Segundo Kupferman (1991), o que difere os exemplos em (b) de (154)-(156) e (158) dos demais deverbais estudados é a presença obrigatória do genitivo subjetivo, ou seja, do argumento externo do verbo do qual o nome deriva, ainda que de maneira implícita. Em (159a), a ausência do genitivo subjetivo torna a sentença agramatical; já em (159b), a realização do genitivo subjetivo, com ou sem o genitivo objetivo, é aceitável. Em (160), o genitivo subjetivo não se realiza como argumento do nome núcleo *amour*, mas o argumento externo do nome será necessariamente *Sam* (p. 127), e, em (161), temos um argumento externo não identificado, com uma leitura genérica (p. 131). Este também é o caso dos exemplos em (a) de (154)-(156), ou

---

<sup>55</sup> Exemplos retirados a partir dos dados apresentador por Kupferman (1991, p. 125).

seja, neles, o argumento externo não é identificado, mas é subentendido, possui uma leitura genérica; por exemplo, em (154a), entende-se que a decodificação do alfabeto, por quem quer que seja que a tenha realizado, foi difícil.

- (159) a. \*l' amour de la nature a étonné Sam.  
o amor de a natureza tem surpreendido sam
- b. L' amour (de la nature) de Paul a étonné Sam  
o amor (de a natureza) de paul tem surpreendido sam.  
'O amor de Paulo (pela natureza) surpreendeu Sam.'
- (160) l' amour de la nature entraînaît Sam sur les routes.  
o amor de a natureza conduzia Sam sobre as estradas  
'O amor pela natureza conduzia Sam pela estrada.'
- (161) l' amour de la nature peut entraînaer à la promenade.  
o amor de a natureza pode conduzir a a passeio  
'O amor pela natureza pode conduzir ao passeio.'

Dado que nos casos em (b) de (154)-(156) há a obrigatoriedade de expressão do argumento externo, ainda que subentendido, a extração do genitivo objetivo sofrerá restrições, devido à posição ocupada por esses constituintes na hierarquia que rege a extração, uma posição hierarquicamente inferior à posição do genitivo subjetivo. É por esta razão que os genitivos objetivos dos exemplos em (b) de (154)-(156) não podem ser pronominalizados, já que estão submetidos à hierarquia *genitivo possuidor* > *genitivo subjetivo* > *genitivo objetivo*. A extração do genitivo subjetivo, segundo o autor (1991, p. 126), será possível, como em (162). É necessário observar, no entanto, que esses exemplos não apresentam restrição à extração de referentes animados – *ces savants* em (162a) e *ces politiciens* em (162b). Não foi possível determinar se a possibilidade de extração, nesses casos, seria devida à variabilidade nos julgamentos quanto à animacidade ou se haveria uma possível distinção quanto à extração entre referentes agentivos de um lado e experienciadores de outro.

- (162) a. On félicite tous ces savants, et pourtant l'ignorance (de cet alphabet) en est bien connue.  
 INDEF felicita todos esses sábios e contudo a ignorância (de esse alfabeto) *en* est bem conhecida.  
 'Felicitam todos esses sábios, no entanto a ignorância deles (desse alfabeto) é bem conhecida.'
- b. Tous ces politiciens s'attendaient à un coup d'état, eh bien l'attente (de cet événement) allait en être récompensée.  
 todos esses políticos se esperavam a um golpe de estado, eh bem a espera (de esse evento) ia *en* ser recompensada.  
 'Todos esses políticos esperavam um golpe de estado, bom, a espera deles (por esse evento) ia ser recompensada.'

Em um estudo posterior (KUPFERMAN, 1996), o autor reconhece que essa não é uma regra absoluta. Em (163) “a extração através de *en* do genitivo objetivo é possível [...] contrariamente ao que foi defendido em Kupferman (1987-1991)” (p. 111). No entanto, aqui encontramos o ponto fraco da sua descrição. Em (163), o referente de *en* é, na verdade, um genitivo subjetivo, como percebemos na construção verbal equivalente em (164).

- (163) Les jours d'hiver, l'angoisse lui en était familière.  
 os dias de inverno, a angústia lhe *en* era familiar  
 'Os dias de inverno, a angústia (disso) lhe era familiar.'

- (164) Les jours d'hiver angouissent Jean.  
 os dias de inverno angustiam Jean  
 'Os dias de inverno angustiam Jean.'

Este mesmo tipo de equívoco é percebido no exemplo (165) (KUPFERMAN, 1991, p. 126) onde, segundo o autor, *ses enfants* seriam o genitivo subjetivo de *amusement*. Porém a construção verbal equivalente possível em (166) nos mostra que o referente é, na verdade, um experienciador na posição de objeto<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> Também seria possível uma leitura reflexiva do mesmo verbo, como *les enfants s'amusement*. Para verificação desses contextos em espanhol, ver Marin (2012).

- (165) Ses enfants, l’amusement en était attendrissant.  
seus filhos, o divertimento *en* era comovente  
‘Seus filhos, o divertimento deles era comovente.’
- (166) Le clown amuse les enfants.  
o palhaço diverte os crianças  
‘O palhaço diverte as crianças.’

De fato, os exemplos (163), (165) e os demais exemplos de Kupferman formam, na verdade, grupos distintos de verbos e nomes que denotam estados mentais. Na seção seguinte, apresentaremos três classes propostas por Cançado (2012).

#### 4.4.2 A tipologia de Cançado

Nesta seção apresentaremos a classificação de Cançado (2012) para os verbos psicológicos, assim como as leituras aspectuais dos nomes derivados desses verbos, a partir de Barque, Fábregas e Marin (2012) e Fábregas, Marin e McNally (2012). Tentaremos, aqui, mostrar em quais contextos o pronome *en* poderia substituir os argumentos dos nomes derivados dessas classes, tratando-se apenas de sugestões a serem analisadas e testadas em estudos posteriores.

Dentre o grupo dos nomes que denotam estados mentais estão os nomes derivados de verbos psicológicos, amplamente estudados por Cançado (2012).

A autora explica que os verbos psicológicos têm em comum a realização de pelo menos um argumento com papel de *experienciador*, que pode ocupar tanto a posição de sujeito como a de objeto. Cançado (2012) propõe então que os verbos psicológicos sejam divididos em três<sup>57</sup> categorias distintas, o que nos leva a inferir que as nominalizações a partir destes verbos também não constituam uma classe homogênea. Nelas, os papéis temáticos de seus argumentos (experienciador, objeto, agente, causa) seriam distribuídos da seguinte forma:

---

<sup>57</sup> Originalmente, Cançado propõe quatro classes, mas nos artigos consultados a autora assume “que os verbos que compõem a Classe 4 também fazem parte da Classe 3, já que não me parece relevante essa distinção, visto que a estrutura argumental é a mesma.” (2012, p. 10)



A Classe 1 projeta o experienciador na posição de sujeito, pois, segundo a Hierarquia Temática, esse papel é o preferido para essa posição, em relação ao papel de objetivo. A Classe 2 e a Classe 3 projetam o agente ou a causa na posição de sujeito e o experienciador na posição de complemento, pois os papéis de agente ou causa têm a preferência para a posição de sujeito em relação ao experienciador. (CANÇADO, 2012, p. 9)<sup>58</sup>.

Teríamos aqui, então, uma nova configuração hierárquica a partir dos papéis temáticos selecionados pelos deverbais psicológicos: *agente/causa* > *experienciador* > *objeto*. Faremos uma breve descrição das três classes propostas pela autora, e das nominalizações a partir de cada uma dessas classes.

A primeira classe é a dos verbos do tipo *temer*, ou *craindre*, em francês. Esses verbos têm leitura estativa e, em francês, a sua nominalização terá dois argumentos em *de*<sup>59</sup>. O argumento externo terá papel de experienciador, enquanto que o argumento interno terá papel de objeto, como em (167b). Se os dois argumentos estiverem expressos na sentença, como em (167c-e), o comportamento hierárquico visto até então e os exemplos (162) de Kupferman nos levam a crer que somente o experienciador poderá ser extraído, como em (167c). O exemplo (167d), que mostra a extração do genitivo objetivo, seria agramatical. O pronome *en* em (167c) deve, assim, ser interpretado como referindo-se ao argumento externo.

- (167) a. Cette génération craint la politique.  
           essa geração teme a política  
           ‘Esta geração teme a política.’
- b. La crainte [de cette génération<sup>Exp.</sup>] [de la politique<sup>Objeto</sup>]  
           a temor de essa geração de a política  
           ‘O temor [desta geração<sup>Exp.</sup>] [pela política<sup>Objeto</sup>].’
- c. Cette génération, la crainte de la politique en est bien justifiée.  
           esta geração, a temor de a política *en* é bem justificado  
           ‘Esta geração, o temor (dela) pela política é bem justificado.’

<sup>58</sup> Para o inglês, Landau (2010) propõe também três classes, mas que seriam divididas em (i) experienciador nominativo, tema acusativo; (ii) tema nominativo, experienciador acusativo; (iii) tema nominativo e experienciador dativo.

<sup>59</sup> Alguns nomes, no entanto, terão seu argumento interno realizado por um PP em *envers* ‘perante’, *devant* ‘diante de’ ou *pour* ‘por’, como em (xii) (GODARD e SAG, 1996):

(xii) l’admiration de Vincent pour son frère  
       a admiração de Vincent pour seu irmão  
       ‘A admiração de Vicente por seu irmão’

(HUYGHE e JUGNET, 2010, p. 1715)

- d. \* La crainte de cette génération en est bien justifiée  
 a temor de essa geração *en* é bem justificada
- e. La crainte en est bien justifiée.  
 a temor *en* é bem justificada  
 ‘O temor (dela) é bem justificado.’

No entanto, apesar de o estudo do traço [+/-animado] dos referentes não ser desenvolvido neste estudo, achamos pertinente esclarecer que a animacidade do experienciador pareceu ser um empecilho para a pronominalização em *en*, de acordo com os falantes consultados.

Quanto ao aspecto, os nomes derivados dessa classe de verbos poderão ter leitura tanto estativa quanto eventiva (BARQUE; FABREGAS; MARIN, 2012). Em geral, nominalizações estativas não aceitam plural (ALEXIADOU, 2011) e nem podem ser contáveis (BARQUE; FABREGAS; MARIN, 2012), como vemos em (168):

- (168) a. O amor de João por Maria  
 b. \*Um amor de João por Maria  
 c. \*Os amores de João por Maria

Assim, de acordo com Barque, Fábregas e Marin (2012), os verbos da classe 1 de Cançado, com sujeito experienciador, seriam estativos quando o objeto se trata de entidades, mas podem ter leitura eventiva se o objeto for um evento ou um objeto concreto. Em (169a), o nome *crainte* ‘temor’ pode ter leitura estativa com o argumento *de Marie* ou eventiva com *la venue de Marie* ‘a vinda de Marie’. Porém, com o nome contável *une crainte* ‘um temor’, isto é, com leitura eventiva, somente (169b) será gramatical, pois o argumento é um evento, enquanto que (169c) é agramatical, pois o argumento é uma entidade.

- (169) a. Pierre éprouve de la crainte pour Marie / la venue de Marie  
 pierre sente de a temor por Marie / a vinda de Marie  
 ‘Pierre sente temor por Maria / pela vinda de Maria.’
- b. Pierre a une crainte : la venue de Marie  
 pierre tem uma temor : a vinda de Marie  
 ‘Pierre tem um temor: a vinda de Marie’

- c. \*Pierre a une crainte : Marie  
 pierre tem uma temor : Marie (ibid. p. 34-36)

A classe 2 é a dos verbos do tipo *preocupar*, ou *inquiéter* (170a). Nessa classe, o experienciador ocupa a posição de argumento interno e o argumento externo é uma causa, ou seja, tem a propriedade de ser o desencadeador do processo, mas não tem controle sobre ele. Essa classe de verbos tem propriedades eventivas ou estativas, como veremos adiante. No caso das nominalizações deverbais, só o constituinte com papel de experienciador será precedido da preposição *de*, como em (170b), em que *cette génération* tem o papel de experienciador; a causa, nesse caso, é precedida pela preposição *avec* ‘com’. No entanto, a previsão, nesse caso, é que a animacidade provavelmente impediria a extração.

- (170) a. Le chômage inquiète cette génération.  
 o desemprego preocupa essa geração  
 ‘O desemprego preocupa essa geração.’
- b. L’ inquiétude [de cette génération<sup>Exp.</sup>] [avec le chômage<sup>Causa</sup>] est bien évidente.  
 a preocupação de essa geração com o desemprego é bem evidente  
 ‘A preocupação [dessa geração<sup>Exp.</sup>] [com o desemprego<sup>Causa</sup>] é bem evidente.’
- c. ? L’ inquiétude (avec le chômage) en est bien évidente. (= cette génération)  
 a preocupação com o desemprego *en* é bem evidente (= essa geração)  
 ? ‘A preocupação dela (com o desemprego) é bem óbvia. (= essa geração)’

Os verbos desse grupo são estativos e geram nomes estativos expressando uma relação durativa com o objeto experienciador (BARQUE; FABREGAS; MARIN, 2012; FABREGAS; MARIN; MCNALLY, 2012).

A terceira classe é a dos verbos do tipo *acalmar*, *humilhar*. Assim como a classe 2, o argumento interno será um experienciador, mas o argumento externo poderá ser uma causa, como em (171), caso não haja a intenção de humilhar, ou um agente, como em (172), se houver

intenção. Os exemplos em (c) sugerem a extração do genitivo em *en* que, assim como nos exemplos anteriores, poderá sofrer restrições quanto à animacidade do seu referente.

- (171) a. Le gouvernement humilie la population.  
 o governo humilha a população  
 ‘O governo humilha a população.’
- b. L’humiliation [de la population<sup>Exp.</sup>] [par le gouvernement<sup>agente/causa</sup>]  
 est évidente.  
 a humilhação de a população por o governo  
 é evidente  
 ‘A humilhação [da população<sup>Exp.</sup>] [pelo governo<sup>agente/causa</sup>] é evidente.’
- c. ? L’humiliation en est évidente (= la population).  
 a humilhação *en* é evidente (= a população)  
 ? ‘A humilhação dela é evidente (= a população).’

- (172) a. Le gouvernement humilie la population avec la nouvelle loi.  
 o governo humilha a população com a nova lei  
 ‘O governo humilha a população com a nova lei.’
- b. L’humiliation [de la population<sup>Exp.</sup>] [par le gouvernement<sup>agente</sup>] [avec la  
 nouvelle loi<sup>causa</sup>] est évidente.  
 a humilhação de a população por o governo com a  
 nova lei é evidente  
 ‘A humilhação [da população<sup>Exp.</sup>] [pelo governo<sup>agente</sup>] [com a nova lei<sup>causa</sup>] é  
 evidente’
- c. ? L’humiliation en est évidente. (= la population)  
 a humilhação *en* é evidente a população  
 ? ‘A humilhação dela é óbvia (= a população)’

No caso de o sujeito ser uma causa, a interpretação eventiva será como a da classe 2: verbos estativos e nominalizações estativas indicando uma relação durativa. Caso o sujeito seja agente, o verbo denotará uma mudança de estado pontual (ou seja, um *achievement*) e sua nominalização será um estado com relação pontual com o objeto experienciador (BARQUE; FÁBREGAS; MARIN, 2012; FABREGAS; MARIN; MCNALLY, 2012).

Fizemos aqui uma apresentação bastante superficial das classes dos verbos psicológicos proposta por Cançado e do aspecto de suas nominalizações com base em Barque, Fábregas e Marin, (2012) e Fabregas, Marin e McNally (2012). Nossa proposta foi a de complementar a descrição generalizada feita por Kupferman (1991) a fim de dar pistas para futuros estudos sobre a pronominalização de argumentos genitivos em *en* de nomes deverbais psicológicos.

Neste capítulo, tratamos das propriedades da pronominalização em *en* dentro do NP. Demonstramos que a extração dos argumentos de um nome em *en* depende dos seguintes critérios:

- ser argumento do nome núcleo;
- Havendo concorrência entre dois genitivos, respeitar a hierarquia *possuidor* > *agente* > *tema*, para nomes concretos, e *genitivo subjetivo* > *genitivo objetivo* para nomes deverbais;
- em nomes deverbais com apenas um argumento genitivo, este deverá ser o genitivo objetivo de nomes eventivos com argumento externo agente;
- ter, preferencialmente, traço [-animado];

Notamos, no entanto, que as pesquisas acerca da relação entre o pronome e o grupo nominal carecem de exemplos que sejam provenientes de corpus autênticos (falados ou escritos) e que tenham sua validade testada por falantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, procuramos descrever o comportamento do pronome francês *en* dentro do grupo nominal, denominado *en* genitivo, com foco em NPs nucleados por nomes concretos e deverbais.

Conforme proposto, o objetivo central deste estudo foi o de fazer a descrição do pronome a partir de uma revisão bibliográfica de base gerativa, buscando um melhor entendimento dos critérios de pronominalização em *en* que, por vezes, são ignorados pela gramática tradicional e pelos manuais de ensino de língua estrangeira. Como foi apontado, o pronome *en* tem como função substituir PPs introduzidos pela preposição *de*. De fato, esta generalização dá conta da maioria dos contextos em que *en* se realiza, mas ignora algumas restrições de cunho semântico e sintático.

Em primeiro lugar, constatamos que somente a presença da preposição *de* não garante que o constituinte que ela introduz possa ser extraído em *en*. Vimos, no capítulo 3, as origens e diferentes interpretações da preposição *de* em um NP, que poderá ter interpretação de posse, agente, tema, origem, localização, valor, entre outros. Nesses casos, apenas possuidor, agente e tema são argumentos do nome núcleo e somente eles poderão ser extraídos.

Assim, para os nomes concretos, Milner (1982) aponta que, para que um argumento do nome possa ser considerado um genitivo em francês, é necessário que o constituinte seja um argumento do N núcleo, que seja precedido pela preposição *de*, mas que também possa ser substituído por *en*, por um possessivo e pelo relativo *dont* ‘cujo’. Ainda, havendo mais de um argumento, a extração deverá respeitar a hierarquia *possuidor* > *agente* > *tema*.

Para nomes deverbais, vimos que os argumentos de um verbo poderão se realizar pelas preposições *de*, *par* ‘por’, entre outras. A seleção dessas preposições dependerá do aspecto eventivo ou estativo do NP. Deste modo, após a nominalização, o argumento interno do verbo, sempre realizado em *de*, será seu genitivo objetivo. Quanto ao argumento externo, ele poderá ser um genitivo subjetivo, ou seja, um PP em *de*, ou ainda se realizar na forma de um adjunto, introduzido pela preposição *par*. Ainda, conforme estudado, NPs deverbais, com leitura estativa, têm preferência em realizar o argumento externo do verbo do qual derivam em *de*; por outro lado, deverbais, com leitura eventiva, o realizarão em *par*. No entanto, Sleeman e Brito (2010, 2017) apontam que essa regra não é absoluta e que os nomes podem apresentar características estativas e eventivas ao mesmo tempo, não impedindo, por exemplo, um NP estativo de realizar um argumento externo em *par* ‘por’.

Com relação à pronominalização em *en* de nomes deverbais, Kupferman (1991, 2004) explica que, na presença de um adjunto em *par*, a extração do genitivo objetivo será autorizada somente se o NP tiver leitura eventiva e seu argumento externo tiver um traço [+agentivo]. NPs de leitura estativa não autorizam a extração do seu genitivo objetivo em *en*. Já quando os dois argumentos se realizam na forma de genitivos, ou seja, através da preposição *de*, a extração deverá seguir uma hierarquia equivalente à dos nomes concretos: *genitivo possuidor* > *genitivo subjetivo* > *genitivo objetivo*.

Quanto aos nomes deverbais que denotam estados mentais, descritos em uma seção à parte, Kupferman explica que eles sempre realizarão seus argumentos em *de*, isto é, em genitivos subjetivos e objetivos. Dessa forma, seguindo a hierarquia proposta para os deverbais, o genitivo objetivo jamais seria extraído, e o pronome *en* substituiria apenas o genitivo subjetivo. No entanto, notamos que Kupferman faz uma descrição limitada, levando em consideração apenas uma parte dessa classe de nomes, e que uma descrição mais detalhada desses deverbais e as possíveis extrações de seus argumentos se faz necessária. Por isso, dedicamos a parte final deste trabalho à descrição dos verbos psicológicos, proposta por Cançado (2012), e a de suas nominalizações e possíveis leituras aspectuais, a partir de Barque, Fábregas e Marin, (2012) e Fábregas, Marin e McNally (2012), a fim de oferecer um possível norte para trabalhos futuros.

Devido à extensão deste trabalho, algumas questões não puderam ser desenvolvidas. A restrição quanto ao traço [ $\pm$  animado] do referente de *en* é uma delas. De modo geral, *en* tem preferência por referentes com traço [-animado] (exceto para partitivos ou quantitativos, onde essa aparente restrição é ignorada), mas, como ressaltado no final na seção 2.4, referentes animados podem aparecer em certos contextos. Também vimos que os exemplos apresentados na bibliografia estudada não levam esse critério em consideração. No entanto, os falantes consultados, de maneira informal, durante a pesquisa dificilmente aceitavam exemplos em que *en* tinha um referente animado e, nesses casos, optavam pela extração através de um possessivo. De fato, vimos que *en* é empregado em contextos em que o possessivo também seria aceito. Assim, consideramos que seria de grande pertinência que trabalhos futuros se interessassem pelos critérios sintáticos, semânticos, ou mesmo sociolinguísticos que motivam:

- a aceitabilidade da extração em *en* a partir de NPs com traço [+animado];
- a preferência entre o emprego de um possessivo ou do pronome *en*, havendo uma possível concorrência entre os dois;

- uma possível assimetria na extração de argumentos experienciadores e argumentos agentivos.

Embora essas e outras possíveis questões ainda careçam de respostas, acreditamos que esta dissertação tenha contribuído de forma satisfatória para um melhor entendimento do pronome *en* e suas relações argumentais e aspectuais dentro do NP. Além disso, sabendo que a motivação inicial deste estudo provém da sala de aula, esperamos ter oferecido um ponto de partida para reflexões sobre os estudos gramaticais e o ensino de língua estrangeira.



## REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A. et al. **Noun Phrase in the Generative Perspective**. Berlin/new York: Mouton de Gruyter, 2007.

ALEXIADOU, A. **Functional Structure un Nominals. Nominalization and ergativity**. Amsterdam : John Benjamins, 2011.

ANSCOMBRE, J.-C. Morphologie et représentation événementielle: le cas des noms de sentiment et d'attitude. **Langue française**, n°105, pp. 40-54, 1995. Disponível em : [https://www.persee.fr/doc/lfr\\_0023-8368\\_1995\\_num\\_105\\_1\\_5292](https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1995_num_105_1_5292) . Acesso em 29 mar. 2019.

AVANZI, M.; BÉGUELIN, M.-J.; DIÉMOZ, F. **Présentation du corpus OFROM** – corpus oral de français de Suisse romande. Université de Neuchâtel, 2012-2017. Disponível em: <http://www.unine.ch/ofrom> . Acesso em 10 outubro 2018.

BALVET, A. et al. La ressource Nomage. Confronter les attentes théoriques aux observations du comportement linguistique des nominalisations en corpus. **TAL** v. 52, n. 3, p. 129-152, 2011. Disponível em: <http://www.atala.org/content/la-ressource-nomage-confronter-les-attentes-th%C3%A9oriques-aux-observations-du-comportement> . Acesso em 3 junho 2019.

BARON, I. (1994). Les syntagmes nominaux français dans une perspective valentielle. **Linguistica**, v. 34, n. 1, p. 29-45, 2015. Disponível em: <https://revije.ff.unilj.si/linguistica/article/view/4236> . Acesso em 3 junho 2019.

BARQUE, L. et al. Two types of deverbal activity nouns in French. In: **5th International Conference on Generative Approaches to the Lexicon**, p. 169–175, Pisa: Instituto di Linguistica Computazionale, 2009. Disponível : <http://lucie.barque.free.fr/mesdocs/GL09.pdf> Acesso em 5 junho 2019.

BARQUE, L.; FABREGAS, A.; MARIN, R. Les noms d'état psychologique et leurs "objets": étude d'une alternance sémantique. In: MARÍN, R.; VILLOING, F. (Ed.). **Lexique 20 / Nominalisations : nouveaux aspects**. Villeneuve d'Ascq : Presses Universitaires du Septentrion, 2012. p. 21-41. Disponível em: <https://munin.uit.no/bitstream/handle/10037/4603/article.pdf?sequence=3&isAllowed=y> . Acesso em 4 jun. 2019.

BARTNING, I. Eléments pour une typologie des SN complexes en de en français. **Langue française**, n. 109, pp. 29-43, 1996. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lfr\\_0023-8368\\_1996\\_num\\_109\\_1\\_5332](https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1996_num_109_1_5332) . Acesso em 3 maio 2019.

BAT-ZEEV SHYLDKROT, H. ; KEMMER, S. La grammaticalisation des prépositions : concurrence et substitution. **Revue Romane**, n. 30, pp. 205-22, 1995. Disponível em : [https://tidsskrift.dk/revue\\_romane/article/view/29897](https://tidsskrift.dk/revue_romane/article/view/29897) . Acesso em: 4 maio 2019.

BEN ARBIA, A. Pronoms personnels compléments disjoints et pronoms adverbiaux en et y: fonctionnement sémantique et mode de donation du référent. **Francisola: Revue indonésienne de la langue et la littérature françaises**, v. 1, n. 2, p. 102-113, dez. 2016. Disponível em: <http://ejournal.upi.edu/index.php/FRANCISOLA/article/view/5548> . Acesso em 1 set. 2018.

BERTUCCI, R. A. **Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. Questões semânticas sobre tempo e aspecto em português brasileiro. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 52, p. 65-89, dez. 2016.

BESCHERELLE, L-M & L-N. **La grammaire pour tous**. Paris: Hatier, 2006.

BOIVIN, M. C. **Split noun phrases and the theory of case**. Tese (Doutorado) - Massachusetts Institute of technology, Massachusetts, 1999.

BOTTINEAU, D. L'opérateur *en* en linguistique instructionnelle enactive. **Langue française**, vol. 178, no. 2, pp. 41-58, 2013. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2013-2-page-41.htm> . Acesso em 4 jun. 2019.

BRITO, A.M. Sobre a divisão de trabalho entre Léxico e Sintaxe - algumas reflexões. **Actas do XXVII Encontro Nacional da APL**. Lisboa: APL, p. 1-44, 2012. Disponível em : [https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/Brito\\_conferencia.pdf](https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/Brito_conferencia.pdf) . Acesso em 4 jun. 2019.

**BRUT a rencontré Thiago Silva**: BRUT, 2019. Disponível em: <https://www.brut.media/fr/sport/brut-a-rencontre-thiago-silva-45637b4f-b905-42fb-9bc7-6c670efc45de> . Acesso em: 5 jun. 2019.

CADIOT, P. **Les prépositions abstraites du français**, Armand Colin, 1997, 295p.

CANÇADO, M. Verbos psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente? **Veredas Online**, Ppg Linguística/ufff – Juiz de Fora, v. 2, p. 1-18, jan. 2012.

CANÇADO, M., AMARAL, L. Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis: Vozes, 2016.

CANÇADO, M.; CIRÍACO, L. Inacusatividade e inergatividade no PB. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 46, ed. 2, p. 207-225, 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637169/4891> . Acesso em: 5 abr. 2019.

CARLIER, A.; SARDA, L. Le complément de la localisation spatiale: entre argument et adjoind. **Anais do CMLF'10**. Paris: Institut de Linguistique Française, p. 2057 – 2073, 2010.

DELATOUR, Y. et al. **Nouvelle Grammaire du Français**. Paris: Hachette, 2004.

ENGLEBERT, A. Le statut grammatical de *de*. **Journal of French Language Studies**, n. 3(2), 127-144, 1993.

FABREGAS, A.; MARIN, R.; MCNALLY, L. From psych verbs to nouns. In: DEMONTE, V.; MCNALLY, L. (Ed.). **Telicity, Change, and State: A Cross-Categorical View of Event Structure**. Oxford Scholarship Online, pp. 162-184, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/284225376\\_From\\_psych\\_verbs\\_to\\_nouns/download](https://www.researchgate.net/publication/284225376_From_psych_verbs_to_nouns/download) Acesso em 4 jun. 2019.

FARENZENA, D.; DALPIAN, L. A preposição *de*: do latim ao português. **Disc. Scientia**, v. 9, n. 1, p. 193-203, 6 jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/view/733>. Acesso em: 7 jun. 2019.

FERSEN, T.; VERNON, V. **Un parapluie pour deux**. Believe Music, 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTWY7v0GtOM> . Acesso em: 5 jun. 2019.

GODARD, D. Les déterminants possessifs et les compléments de nom. **Langue française: Déterminants et détermination**, n. 72, p. 102-122, 1986. Disponível em: [www.persee.fr/doc/lfr\\_0023-8368\\_1986\\_num\\_72\\_1\\_4660](http://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1986_num_72_1_4660) . Acesso em: 2 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Extraction out of NP in French. **Natural Language and Linguistic Theory**, n. 10, p. 233-277, 1992.

GODARD D.; SAG I. A. Quels compléments de nom peut-on extraire en français ?. **Langue française**, n.109, pp. 60-79, 1996. Disponível em : [www.persee.fr/doc/lfr\\_00238368\\_1996\\_num\\_109\\_1\\_5334](http://www.persee.fr/doc/lfr_00238368_1996_num_109_1_5334) . Acesso em 1 jun. 2019.

GREVISSE, M. **Le bon usage**. Paris: Duculot, 1980.

\_\_\_\_\_. **Le bon usage**. 12. ed. Paris: Duculot, 1991. Edição reformulada por André Goosse.

GROSS, M. **Grammaire transformationnelle du français: Syntaxe du nom**. Malakoff: Cantilène, 1986.

HAAS, P. ; HUYGHE, R. Les propriétés aspectuelles des noms d'activités. **Cahiers Chronos**, pp. 103-118, 2010. Disponível em: <https://hal-univ-diderot.archives-ouvertes.fr/hal-00975625/document> Acesso em: 7 jun. 2019.

HULK, A. La syntaxe du pronom *en* dans la construction quantitative. **Revue Québécoise de Linguistique**, Montréal, v. 13, n. 1, p. 167-199, 1983.

HUYGHE, R.; JUGNET, A. Nominalisations statives et transfert aspectuel : quel héritagesémantique ? In NEVEU et al. (Ed.). **Congrès Mondial de Linguistique Française 2010**, Paris : Institut de Linguistique Française, p. 1713-1726, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/269086946\\_Nominalisations\\_statives\\_et\\_transfert\\_aspectuel\\_quel\\_heritage\\_semantique](https://www.researchgate.net/publication/269086946_Nominalisations_statives_et_transfert_aspectuel_quel_heritage_semantique) . Acesso em : 1 jun. 2019.

HUYGHE, R.; MARIN, R. L'héritage aspectuel des nomes déverbaux en français et en espagnol. **Faits de Langues**, vol. 30, p. 265-273, 2007. Disponível em : <https://hal-univ-diderot.archives-ouvertes.fr/hal-00975624/document> . Acesso em 5 jun. 2019.

HVIDSTEN, E. **Un pronom pas comme les autres: Une étude sur la fonction du pronom clitique « en » en français**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Norges Teknisk-vitenskapelige Universitet, Trondheim, 2014.

JAMET, M. C. Étude sur l'emploi du pronom "en" dans les expressions libres et figées en français. In: LABELLE, J et al. **Expressions libres, expressions figées.: Hommage à Maurice Gross**. Veneza: Libreria Cafoscariana, 2007. p. 85-160. Disponível em : <http://lear.unive.it/jspui/bitstream/11707/807/3/Atti-7-3s-Jamet.pdf> . Acesso em 2 maio 2018.

KALMBACH, J.-M. **De de à ça: enseigner la grammaire française aux finnophones**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras da Universidade de Jyväskylä, Jyväskylä, 2005. Disponível em: <https://jyx.jyu.fi/dspace/handle/123456789/18897> . Acesso em: 18 ago. 2016.

KAYNE, R. **Syntaxe du français: Le cycle transformationnel**. Paris: Editions Du Seuil, 1975.

KAYNE, R. Catégories vides en français In: ATTAL, P. ; MULLER, C, (Ed.). **De la Syntaxe à la Pragmatique**. Amsterdam : John Benjamins, 1984. p. 261-283.

KUPFERMAN, L. L'aspect du groupe nominal et l'extraction de en. **Le Français Moderne**, v. 59, n. 2, p. 113-147, 1991.

\_\_\_\_\_. Les compléments adnominaux en De. Un regard du troisième type. In: **Le mot « de »: Domaines prépositionnels et domaines quantificationnels**. Paris: de Boeck Supérieur, 2004. p. 103-158. (Champs linguistiques).

\_\_\_\_\_. Les génitifs : gouvernement d'antécédent et gouvernement thématique. **Langue Française**, n. 119, p. 104-125, 1996.

LAGAE, V. Le pronom en : des compléments adnominaux aux syntagmes quantificateur. **Travaux de Linguistique: Syntaxe du groupe prépositionnel**, v. 1, n. 42-43, p. 43-57, 2001.

LAMIROY, B. Binding properties of French en. In: GEORGOPOULOS, C.; ISHIHARA, R. **Binding properties of French en. In Interdisciplinary approaches to languages: Essays in honor of S.-Y. Kuroda**. Dordrecht: Reidel, 1991. p. 397-413.

LANDAU, I. The Locative Syntax of Experiencers. (Linguistic Inquiry Monographs 53). Cambridge, MA: MIT Press, 2010. Disponível em: <http://users.uoa.gr/~wlechner/Landau.pdf> . Acesso em 5 jun. 2019.

LIEBER, R. **English Nouns: The Ecology of Nominalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

MARQUE-PUCHEU, C. Les alternances prépositionnelles: des substitutions très contraintes. **Linx**, n°34-35, pp. 219-232, 1996. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/linx\\_0246-8743\\_1996\\_num\\_34\\_1\\_1430](https://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1996_num_34_1_1430) . Acesso em: 04 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. La couleur des prépositions à et de. **Langue française**, vol. 157, no. 1, pp. 74-105, 2008. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2008-1-page-74.htm> . Acesso em: 01 jun. 2019.

MAUGER, G. **Grammaire pratique du français d'aujourd'hui**. Paris: Librairie Hachette, 1968.

MILNER, J C. **De la syntaxe à l'interprétation**. Paris: Les Éditions Du Seuil, 1978.

\_\_\_\_\_. **Ordres et raisons de langue.** Paris: Éditions Du Seuil, 1982.

MÜLLER, A. A estrutura do sintagma nominal com argumentos genitivos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 31, p. 71-89, 1996.

MULLER, C. Un classement hiérarchisé des déterminants en "de". In: GAUTIER, A; HAVU, E; VAN RAEMDONCK, D. **DéterminationS**: Peter Lang, 2016. p. 9-25.

OLIVEIRA, P. M. de. **Os pronomes em e y na dinâmica da leitura em francês língua estrangeira.** Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PINCHON, J. Histoire d'une norme, emploi des pronoms « lui », « eux », « elle(s) », « en », « y ». **Langue Française**, n. 16, p. 74-87, 1972. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lfr\\_0023-8368\\_1972\\_num\\_16\\_1\\_5705](https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1972_num_16_1_5705) . Acesso em: 10 nov. 2018.

PINCHON, J.; WAGNER, R. L.. **Grammaire du français classique et moderne.** Paris: Hachette, 1991.

POLLOCK, J.-Y. Sur la syntaxe de en et le paramètre du sujet nul. In: RONAT, M. **La grammaire modulaire.** Paris: Les éditions de Minuit, 1986. p. 211-246.

PUSTEJOVSKI, J. Syntax of Event Structure. **Cognition**, vol. 41, p. 47-81, 1991. Disponível em: <http://www.cs.rochester.edu/u/james/Papers/Pustejovsky-event-structure.pdf> . Acesso em 4 maio 2019.

RAVIZZA, J. **Gramática Latina.** Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 9a.ed., 1940.

RIEGEL, M; PELLAT, J.-C.; RIOUL, R.. **Grammaire méthodique du français.** Paris: Quadrige/puf, 1994.

RUWET, N. **Théorie syntaxique et syntaxe du français.** Paris: Editions Du Seuil, 1972.

\_\_\_\_\_. En et y : deux clitiques pronominaux antilogophoriques. **Langages**: Aux confins de la grammaire, l'anaphore, n. 97, p. 51-81, 1990.

\_\_\_\_\_. Être ou ne pas être un verbe de sentiment. **Langue française**, n. 103, pp. 45-55, 1994. Disponível em : [https://www.persee.fr/doc/lfr\\_0023-8368\\_1994\\_num\\_103\\_1\\_5725](https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1994_num_103_1_5725) . Acesso em 8 jun. 2019.

SEDRINS, A. P. **Restrições de extração de argumentos e adjuntos de nome no português brasileiro**. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2009.

SILVEIRA, S. da. **Sintaxe da preposição de**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

SLEEMAN, P. ; BRITO, A. M. Nominalization, event, aspect and argument structure : a syntactic approach. In.: DUGUINE, M; HUIDOBRO, S; MADARIAGA, N: **Argument Structure and Syntactic Relations: A cross-linguistic perspective**. p. 113-129. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010a.

SLEEMAN, P; BRITO, M. Aspect and argument structure of deverbal nominalizations: A split vP analysis. **Cellular Oncology - Cell Oncol**, p. 199-218, 2010b.

SLIMANI, L. **Chanson douce**. Paris : Gallimard, 2016.

TELLIER, C; VALOIS, D. **Constructions Méconnues du Français**. Montréal: Les Presses de L'université de Montréal, 2006.

VAGUER, C. Classement syntaxique des prépositions simples du français. **Langue française**, v. 157, n. 1, pp. 20-36, 2008. Disponível em : <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2008-1-page-20.htm> . Acesso em 3 maio 2019.

VAN DE VELDE, D. Les verbes dits ‘psychologiques’ revus à la lumière des noms correspondants. **Revue de linguistique Romane**, n. 61, p. 67-97, 1995. Disponível em <https://www.e-periodica.ch/cntmng?pid=rlr-001:1995:59::689> . Acesso em 30 maio 2019.

VELDLER, Z. Verbs and times. In: **Philosophical Review**, n. 56, 1957. pp. 143-160.

WEINRICH, H. **Grammaire Textuelle du Français**. Paris: Didier/hatier, 1989. Trad. Gilbert Dalgalian e Daniel Malbert.

WYLER, G. **Manuel de la grammaire française**, 2018. Disponível em: <http://www.gabrielwyler.com/> . Acesso em 24 maio 2019.